

# NÓS DA ESCOLA

**RIO** **PREFEITURA** EDUCAÇÃO



**Multieducação:  
1º ciclo de formação**



## Classificação indicativa



**Jogos  
Pan-americanos**  
Uma conquista  
da **PREFEITURA.**  
Uma vitória  
do **RIO.**

ISSN 1676-5141



9 771676 514269 00032

CESAR MAIA

*PREFEITO*

SONIA MOGRABI

*SECRETÁRIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO*

REGINA DE ASSIS

*PRESIDENTE DA MULTIRIO*

MARCOS OZÓRIO

*DIRETOR DE MÍDIA E EDUCAÇÃO*

MARIA INÊS DELORME

*DIRETORA DO NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E  
IMPRESSOS E JORNALISTA RESPONSÁVEL (MTB. 22.628)*

ÉLIDA VAZ

*ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO E OUIDORA*

EQUIPE DE PRODUÇÃO:

*GERÊNCIA PEDAGÓGICA*

CRISTINA CAMPOS

JOANNA MIRANDA (COORDENAÇÃO)

*GERÊNCIA DE JORNALISMO*

*EDITORA*

MARTHA NEIVA MOREIRA

*SUBEDITOR*

HUGO RANGEL DE CASTRO E SOUZA

*EDIÇÃO DE TEXTO*

RENATA PETROCELLI

*REPORTAGEM*

FÁBIO ARANHA

PRISCILA FAGUNDES (ESTAGIÁRIA)

*REVISÃO*

CÉSAR GARCIA

*FOTOGRAFIA*

ALBERTO JACOB FILHO

*GERÊNCIA DE ARTES GRÁFICAS*

ANTÔNIO CASTRO (GERÊNCIA E DIREÇÃO DE ARTE)

GUAIRA MIRANDA (PROJETO GRÁFICO/DIREÇÃO DE ARTE)

VIVIAN RIBEIRO (PRODUÇÃO GRÁFICA)

*IMPRESSÃO*

CIDADE AMÉRICA ARTES GRÁFICA

TIRAGEM 36.500 EXEMPLARES

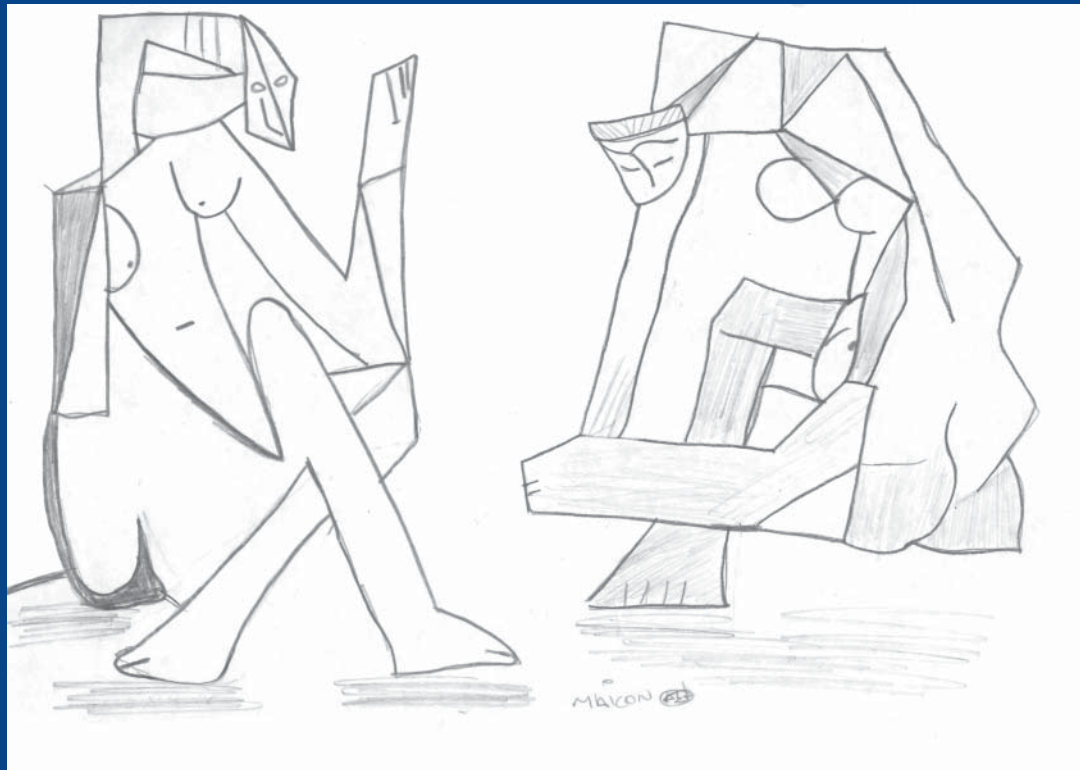
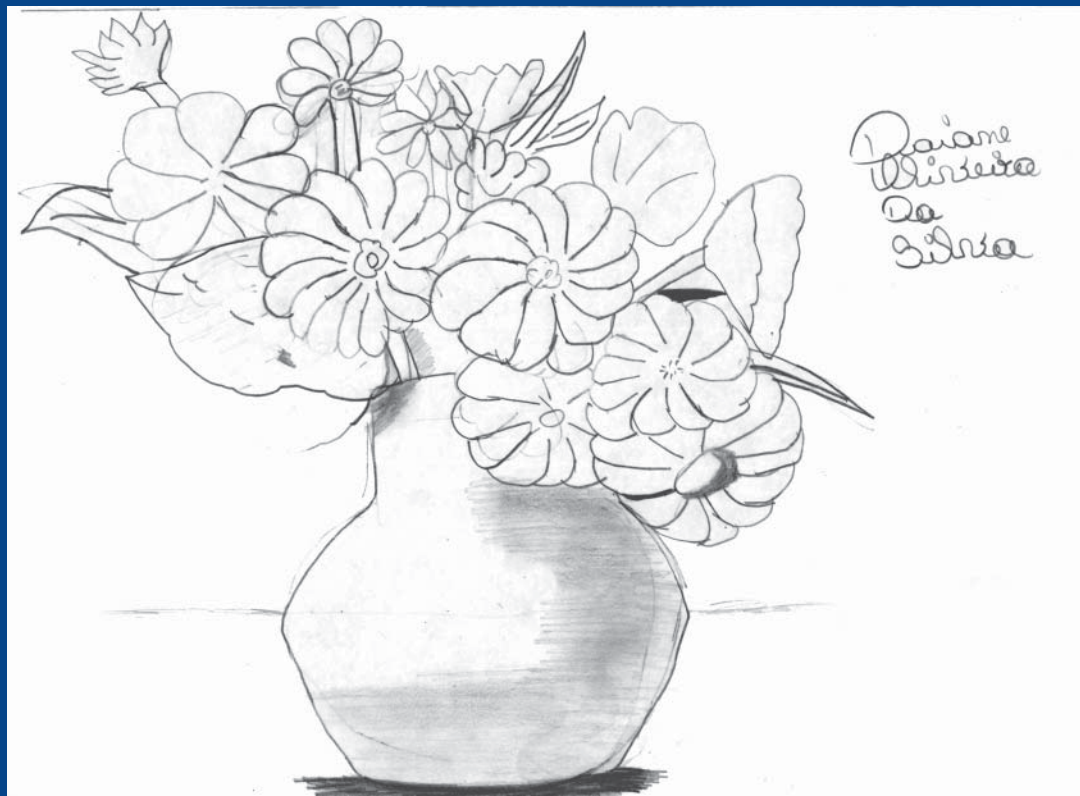
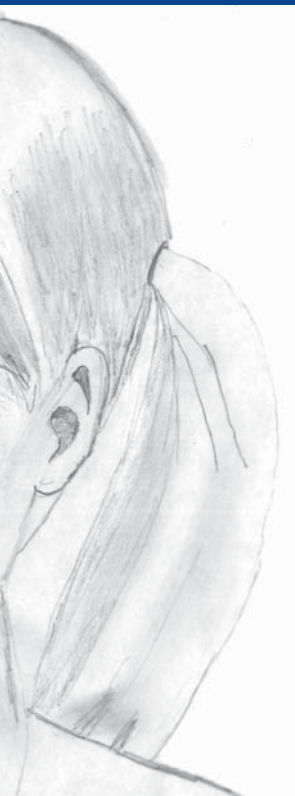


EMPRESA MUNICIPAL DE MULTIMEIOS LTDA.

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210

[www.multirio.rj.gov.br](http://www.multirio.rj.gov.br) [ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br](mailto:ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br)

Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212



DESENHOS DOS ALUNOS

RENATA ALVES DOS SANTOS, - 12 ANOS, 6ª SÉRIE

DAIANE OLIVEIRA DA SILVA - 13 ANOS, 6ª SÉRIE

ANDRÉ LUIZ B. DE SOUZA - 12 ANOS, 6ª SÉRIE E

MAICON N. PARAHYBA - 13 ANOS, 6ª SÉRIE

OFICINA DE DESENHO E PINTURA - POLO DE EDUCAÇÃO PELO TRABALHO - ALZIRA ARAÚJO - 9ª CRE

## editorial

Um debate de todos

## cartas

### ponto e contraponto

A arte que vem da periferia

### zoom

Hora de pensar na programação

### carioca

Educação em forma de aventura

### século XX1

"O futuro da internet está na construção de inteligência coletiva"

### parceria

Rio-águas: Não à poluição e ao esgoto

### pan 2007

A educação pelo esporte

### professor online

'E-mail' ao alcance de todos

### olho mágico

Um kit de conteúdo e diversão

### caleidoscópico

Atualização da Multieducação: 1º ciclo de formação

### rede fala

redação não deve ser uma forma de castigo

### atualidade

Dengue: prevenir é essencial

### capa

Um esforço de classificação e educação

### artigo

Os critérios de qualidade na seleção dos programas infantis

### presente do futuro

Compromisso fora de hora

### pé na estrada

Um remédio na dose certa

Magia, sonho e imaginação nas escolas da Rede Viagem pela literatura mundial

### foi assim

Fábrica que teceu um bairro

### perfil

Pioneirismo que ainda inspira

### tudoteca

### agenda

### MULTIRIO na tevê

## editorial

### Um debate de todos

Esta edição da NÓS DA ESCOLA trata da classificação indicativa dos programas de TV, ou seja, das formas de classificá-los de acordo com os critérios pensados pela Secretaria Nacional de Justiça, que até o final do ano, através de audiências públicas realizadas em diversas capitais brasileiras, estará colhendo informações e opiniões da população para criar uma legislação sobre o assunto.



Sonia Mograbi  
Secretária Municipal de Educação

O tema é polêmico. Atualmente, existe uma preocupação manifesta com a baixa qualidade da programação oferecida à população e com o seu impacto sobre a formação do cidadão, especialmente a das crianças e jovens, discutida exaustivamente durante a 4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes, realizada no Rio de Janeiro, em abril de 2004. No entanto, a discussão sobre a qualidade na mídia depende não só do conteúdo a ser veiculado pela TV, mas de sua adequação formal à linguagem televisiva. A questão, portanto, é complexa, tem inúmeras facetas e é importante a participação de todos no debate, principalmente os educadores.

Além disso, na seção Perfil, a revista trata também da trajetória de Helena Antipoff e sua importância para a educação especial.

O tema da gravidez na adolescência e as formas de lidar com a questão na escola, além de uma seção sobre o quarto tema dos fascículos da multieducação, o ciclo, também integram esta edição.

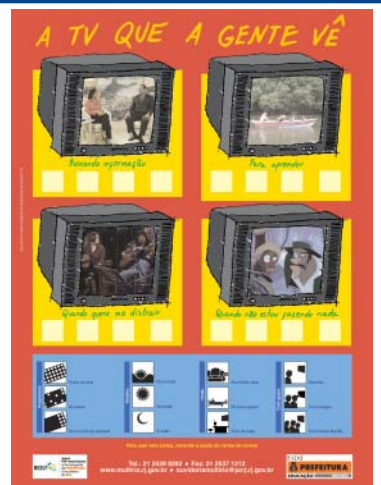
Uma boa leitura para todos.

### Para usar o cartaz

Converse com os seus alunos sobre a programação da televisão a que eles assistem quando querem buscar informações, aprender, divertir-se ou simplesmente ocupar as horas vagas.

Registre a opinião de cada um, tabule os dados e use os ícones para preencher o cartaz sobre a frequência, o horário, onde e com quem assistem a cada tipo de programa.

Criar uma ilustração para cada TV, com o programa mais votado, personalizará o cartaz da turma.



## Vitória I

A equipe de NÓS DA ESCOLA dá os parabéns ao aluno Rodrigo Soares Nunes, da turma 801, da E. M. José do Patrocínio, em Irajá. Ele ficou classificado em 2º lugar no ranking estadual e em 32º no nacional da 1ª Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP), realizada este ano. Rodrigo ganhou medalha de ouro e uma bolsa de iniciação científica. Aproveitamos também para parabenizar seu professor de matemática, Afonso Henriques Raimundo.

## Vitória II

É com grande orgulho que desejamos compartilhar uma alegria de nossa escola: a aluna Karla Marques Viteza Gomes, da turma 401, da professora Lucília, foi classificado em primeiro lugar no 1º Concurso de Redação Acorda Zumbi, com o tema "Consciência negra – o meu Zumbi nos dias de hoje. O concurso é promovido pelo Centro Cultural Moacyr Bastos para alunos das escolas públicas do estado do Rio de Janeiro.

*Equipe da direção, professores e funcionários da Escola Municipal Pablo Picasso*

## Poema

Sou professora da Escola Municipal Rosa da Fonseca e gostaria de saber qual o procedimento para que um poema elaborado pelos alunos da quinta série seja publicado na revista NÓS DA ESCOLA.

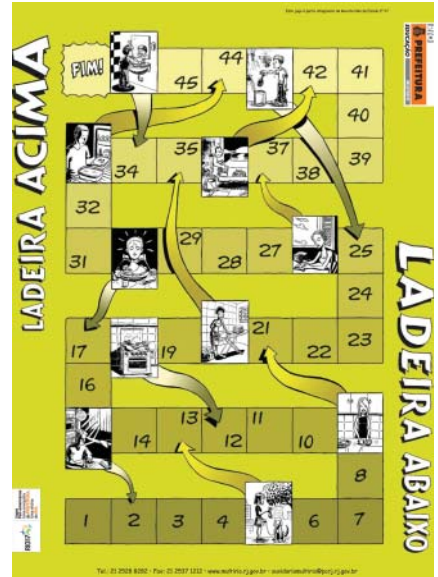
*N. da R.: Envie-nos por e-mail o poema que faremos uma avaliação.*

## Ladeira acima, ladeira abaixo

A edição 27 da revista NÓS DA ESCOLA publicou o jogo Ladeira acima, ladeira abaixo. Se você o jogou com seus alunos ou aproveitou o tabuleiro (*Cartaz*, na foto ao lado) e as regras (*Giramundo*) para realizar algum outro tipo de atividade em sala de aula, envie-nos uma carta ou e-mail contando como foi a experiência. Seu relato será avaliado por nossa equipe e poderá ser publicado ou transformado em uma matéria.

## Atenção

Não deixe de responder à pesquisa do *Giramundo*. Sua opinião fará a diferença!



# Quer saber mais sobre as produções da MULTIRIO?

## NOTÍCIAS DA MULTIRIO

Cadastre-se e receba gratuitamente, a cada semana, nossa newsletter. Mande e-mail para [ouvidoriamultirio@perj.rj.gov.br](mailto:ouvidoriamultirio@perj.rj.gov.br) ou ligue para 2528-8282

## ESCREVA PARA O NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS DA MULTIRIO

Largo dos Leões, 15 - 9º andar, sala 908 - Humaitá - CEP 22260 210 - Rio de Janeiro - ou mande e-mail para [multirio\\_dpub@perj.rj.gov.br](mailto:multirio_dpub@perj.rj.gov.br)

Para colaborar com a seção Rede Fala envie-nos seu artigo. O texto deve ser digitado em fonte Arial, corpo 12, e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos a avaliação e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

Visite nosso site: [www.multirio.rj.gov.br](http://www.multirio.rj.gov.br)

# A arte que vem da periferia

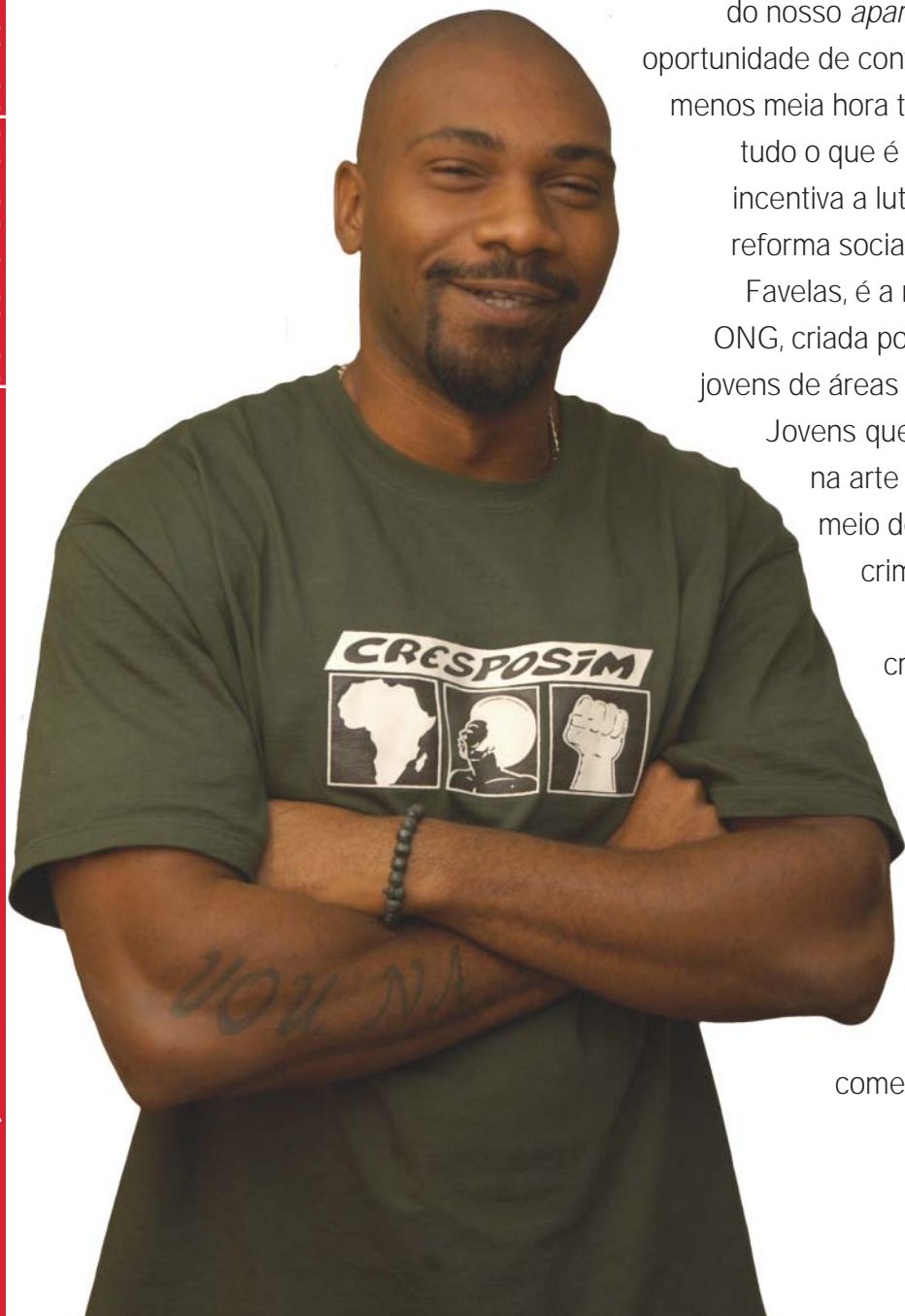
Quem já teve a oportunidade de ouvir algum *rap* de MV Bill sabe bem que sua letra é dura e retrata de forma crua o drama dos jovens de periferia que se vêem perdidos entre o crime, a brutalidade policial e o racismo do nosso *apartheid* social. Quem já teve a oportunidade de conversar com MV Bill por pelo menos meia hora tem a perfeita noção de que tudo o que é denunciado nessas letras o incentiva a lutar por direitos amplos e por reforma social. A Cufa, Central Única das Favelas, é a materialização dessa luta. A ONG, criada por Bill, atende a centenas de jovens de áreas carentes do Rio de Janeiro.

Jovens que encontram principalmente na arte (grafite, *hip-hop*, teatro) um meio de não sucumbir ao apelo da criminalidade. Só na Cidade de

Deus, onde Bill nasceu, foi criado e mora até hoje, já são 120 jovens compondo uma companhia teatral. "É uma virtude poder transformar

uma rotina violenta em arte. E é com muita naturalidade que eu e outros jovens lá da Cufa fazemos esse trabalho",

comenta o *rapper*, que concedeu à equipe de NÓS DA ESCOLA a entrevista que segue.



### Qual a proposta da Cufa?

A Cufa surgiu por causa do *hip-hop*. Eu também emergi e ganhei visibilidade por conta dessa música. No entanto o que temos visto é que o *hip-hop* não pode ser o único caminho a ser seguido. Tem que criar outras alternativas. O *hip-hop* tem a fama de ser a música da informação, da educação. O cara que é o MC [mestre de cerimônias], o cara que manda as mensagens, precisa estar atento a tudo. Exatamente por isso fui buscar mais informações nos livros. Descobri o valor da leitura. A Cufa é a experiência prática daquilo, de tudo aquilo que a gente trata na música. Fazíamos eventos nas comunidades, shows. Mas ainda era pouco. Então pensamos em criar uma organização onde se pudesse praticar tudo o que era discursado nas letras. E isso foi possível através da Cufa.

### E como tem sido o trabalho? Como funciona o dia-a-dia?

Temos no Rio ações na Cidade de Deus, em Madureira, em Acari e no Jacarezinho. A de Acari, a gente está prestes a fechar porque os recursos são nossos mesmo, temos poucas parcerias. Muitas empresas não querem nem ligar seu nome a essa produção cultural porque para elas não é interessante. Elas consideram um público não consumidor. Acontece que não se trata de uma questão comercial, mas de vidas que podemos salvar a partir das ações da Cufa. Dentro das bases, a gente criou um curso de audiovisual. Eu não entendo nada de televisão, de cinema, mas reconheço a importância de fazer com que os jovens se auto-retratam. Com parte do dinheiro dos nossos shows, compramos equipamentos e fomos atrás das parcerias. Cacá Diegues, Joelzito, Caetano Veloso já foram lá dar aulas. Criamos também tele-salas com computadores ligados à internet, para democratizar o uso dela. E tem uma oficina de produção musical, onde os jovens produzem e aprendem o ano inteiro. No final do ano eles apresentam o que fizeram no Hutuz, que é a maior premiação do *hip-hop* da América Latina.

### Sempre com o *hip-hop*? Ou você trabalha com outras manifestações artísticas?

Montamos na Cufa uma companhia de teatro. Incentivamos dois jovens que já tinham feito

curso de formação de atores, mas nunca haviam conseguido atuar na área, a criar uma companhia de teatro a partir da restauração, com a ajuda do jogador Ronaldo, de um prédio abandonado. Ninguém sabe, mas há um teatro dentro da Cidade de Deus. Hoje já são cerca de 120 jovens que fazem parte da companhia e ensinam outras crianças. Não há uma ligação direta desse trabalho com o *hip-hop*, a não ser a forma de pensar, de se expressar. Eles fazem peças sobre outros assuntos. Oferecemos também oficinas de grafite e de *DJ*. E há sempre reuniões para falar com os alunos sobre assuntos políticos, culturais, sociais...

### Você acha que tratar, nas letras das músicas, da violência, da criminalidade nas comunidades e da condição do negro, não pode acabar reforçando um estereótipo da população que vive nas áreas carentes da cidade?

É uma virtude pegar um dia-a-dia violento e transformar aquilo em arte. Pelo menos para mim se tornou uma coisa natural. Eu poderia fazer outro tipo de música, falando de amor, de praia...

### Seria mais fácil?

O que eu e os jovens que estão produzindo cultura na Cufa fazemos é com muita naturalidade. Só que existe um quadro de invisibilidade que não é só em relação a quem é bandido, ou está para virar bandido. É uma situação que se estende por toda a população das comunidades. Então existe uma necessidade, por parte dessa juventude, de que as pessoas saibam o que acontece ali dentro. Depois que apagam as luzes, só as pessoas que entram na favela indo para as suas casas é que sabem o que acontece por lá. Porque muitas vezes *socialites*, políticos, antropólogos, sociólogos vão à televisão, fazem discursos baseados em alguma coisa que na maioria das vezes foi outra pessoa que também não viveu aquilo que escreveu. Essa necessidade de mostrar a própria realidade cotidiana faz com que os jovens encarem o que fazem artisticamente de uma forma natural.

### É mais legítimo falar de tudo pela arte?

É uma forma mais verdadeira. São pessoas que vivem aquilo diretamente na pele. Tem uma carga emocional muito grande. Tem muitos ►

#### TEXTO

HUGO R. C. SOUZA E

MARTHA NEIVA MOREIRA

#### FOTO

ALBERTO JACOB FILHO



grupos, artistas, que acabam fazendo disso uma forma de aparecer, de ser mais conhecido, e acabam banalizando um assunto que é tão sério. Mas a maioria das pessoas que estão produzindo cultura nas comunidades faz de forma muito verdadeira. Eles transformam lixo em luxo.

### Há mesmo poesia em muitas produções...

Quando eu falo dessa possibilidade de transformar o lixo em luxo, ou seja, pobreza e violência em arte, é porque a gente atende a jovens que têm a possibilidade de ter um futuro diferente. É pegar o menino que era fogueiteiro do tráfico e dar a ele a oportunidade de descobrir um dom. E se o dom dele é o desenho ele não vai desenhar a praia de Copacabana; ele vai desenhar o *caveirão* invadindo a comunidade, o baile *funk*, as pessoas passando na rua. O dia-a-dia que é vivido.

### Que preconceitos você observa em relação à cultura da periferia?

Estamos no sexto ano do prêmio Hutus e só agora conseguimos patrocínio. Há cinco anos fazemos com dinheiro do bolso. Até hoje qualquer dinheiro que eu ganhe, com música, com livro, metade é doada à Cufa para podermos dar seqüência às ações. A gente não tem uma quantidade de apoio suficiente. Observamos que alguns desses jovens de comunidades, quando percebem que outros estão seguindo um caminho diferente, querem o mesmo. É complicado ter de fechar a porta e dizer que não pode atender a mais ninguém. E aí você põe no seu quintal, diz para dormir na sua casa. Desde o início, a maioria das coisas que fazemos é com dinheiro do nosso bolso.

### Vocês estão no caminho certo? Já estão sendo ouvidos? Já existe uma aceitação maior?

O *hip-hop* se tornou meio moda para algumas pessoas. Começou a ganhar um certo espaço e *rolou* quase uma apropriação. Saiu

da marginalidade para se tornar música *fashion*, música de boate. Existe um esforço muito grande de gravadoras, emissoras de rádio etc. de descobrir o Eminem brasileiro. Eles acreditam que dessa forma, desconstruindo todo o discurso social, o *hip-hop* consiga vender mais. Só que a proposta nunca foi essa. A proposta é não prestar esse desserviço. Hoje o *hip-hop*, com certeza, é a única música em todo o Brasil que toca com tanta veemência na questão racial, social, violência, inclusão, preconceito, estereótipos. Pegar esse tipo de música e transformá-lo em outra coisa é um grande mal. As tentativas nesse sentido já foram mais intensas do que são hoje, devido à resistência, não só minha, mas de vários outros caras. Na verdade não é problema nenhum tocar o *hip-hop* numa boate de Ipanema. O problema é desconstruir um discurso que a gente levou mais de 20 anos para consolidar no Brasil. Quando eu comecei, nunca me coloquei como artista. Quando eu disse que não me considerava artista muitas pessoas foram contra mim. Eu não tenho essa proposta de vender disco para ganhar disco de ouro, de ficar indo para a televisão a toda hora. Eu só fui para a televisão quando eu vi a oportunidade de dizer as coisas que eu queria dizer.

### E você sofreu críticas?

Devo ter sofrido. Não chegaram a mim, mas provavelmente aconteceu. Eu não sou unanimidade também no *hip-hop*. Tem muita gente que pensa diferente de mim e eu acho que as questões que são abordadas são tão importantes que não podem ficar restritas ao pessoal que faz *hip-hop*. Eu proponho um diálogo entre etnias, classes, povos. Acredito que a pobreza só pode ser resolvida com o auxílio da riqueza. Então, como resolver o problema sem dialogar? Pela violência. Para alguns o *hip-hop* é uma forma de combater as injustiças sociais. Para mim, é uma

#### SAIBA MAIS

Site do Programa Século XXI  
chaves Funk e Rap e Novo  
Mundo do Trabalho  
[www.multrio.rj.gov.br/  
seculo21/](http://www.multrio.rj.gov.br/seculo21/)





forma de dialogar, de questionar, de marcar a sua posição. Mas a arte não pode ficar presa a uma função social. Arte é arte. E o *hip-hop* tem esse poder de usar a arte para poder questionar e propor o diálogo.

### **A cultura e a arte, então, são de fato uma alternativa para esses jovens de periferia?**

Ninguém obriga ninguém a entrar no tráfico, mas parece que tem uma mão te empurrando. Parece que o destino está pré-escrito. E você vai ser isso. São poucos os que conseguem driblar a regra e se tornar uma exceção. Cada caso é um caso. Eu consegui por causa do *hip-hop*. Até porque nem todos têm talento para algum tipo de arte, e mesmo que tivessem não teria espaço para todo mundo. E nem eu tenho interesse que só saia de lá cantor, dançarino. Eu faço parte desse elo vicioso que só permite a ascensão através do futebol, da arte. Meu maior papel dentro do *hip-hop* é fazer com que algumas pessoas tenham um futuro diferente daquele que está desenhado. Não vou conseguir salvar a vida de todo mundo. Não vou conseguir ajudar todas as pessoas. Mas tenho feito o que posso. Os resultados que temos colhido são resultados muito bons. Antes chegava um moleque para mim e dizia “se eu sair, o que que tu *vai* me dar?”. E eu ficava sem resposta. Hoje é diferente. Aos jovens que me pedem para sair do tráfico, eu posso dar uma oportunidade.

### **E a escola, que papel deve ter diante da realidade avassaladora das crianças moradoras de comunidades carentes da cidade?**

Eu nasci e fui criado na Cidade de Deus e tive uma infância que eu chamo de padrão: estudar até onde dá. Meus pais, como a maioria dos pais do local, me incentivaram a trabalhar e não a estudar. Assim, a falta de incentivo ao estudo partiu de dentro de casa. Muitas das coisas que passaram a fazer parte da

minha vida acabaram sendo descobertas na rua e pela leitura. Pensando na minha história, eu chego à conclusão de que a escola deveria funcionar como uma segunda casa. Mas sei que isso é difícil, eles ficam desestimulados. O mesmo acontece com os pais, que também não são incentivados a manter seus filhos na escola. Costumamos conversar sobre a escola com os jovens nos cursos, falamos que ela é tão importante quanto qualquer outra coisa na vida. Mas acho também que é necessário reformular o ensino, a educação. Aqui no Brasil duas coisas que deveriam ser básicas custam muito caro: educação e saúde. Para você ter uma boa educação você tem que pagar por isso. Vendo por esse ângulo, acho que é muito difícil para o jovem ter a escola como referência. O ensino sobre a africania, a afrodescendência deveria fazer parte da escola. É lei. Mas isso não é aplicado. Então a escola acaba sendo um espaço tragicamente desvalorizado dentro da comunidade. São poucos os jovens que vêem na escola uma possibilidade de um futuro diferente.

### **A Cufa, em suas ações, promove alguma integração com as escolas dos locais atendidos?**

Sim. Mas ainda existem muitas dificuldades, principalmente burocráticas. Os diretores não têm total autonomia para fazer o que querem. Principalmente as escolas que ficam no centro da comunidade. E são essas escolas que mais precisam manter um diálogo aberto e efetivo com a comunidade. E não apenas para falar de nota dos alunos, para educar os pais também.

### **Como assim?**

Posso estar totalmente enganado, mas talvez essas escolas tenham de ter uma função que vá além das escolas tradicionais. Tem de haver uma integração maior, para o jovem não ver a escola como um lugar chato, ruim. Tem escolas que são feias, feitas de cimento, parecem uma prisão. Não deveria ser assim, a escola tem que ser um lugar bonito, de prazer. ■

# Hora de pensar na programação

A classificação indicativa é um instrumento de controle da qualidade da programação de televisão, cinema, vídeo, teatro e *games*. A TV é a mídia que submete a maior quantidade de produtos a classificação. Em 2000, o Ministério da Justiça baixou portaria estabelecendo critérios para classificar os programas de TV. A portaria está prestes a ser regulamentada e deverá entrar em vigor no início de 2006. Para fundamentar suas decisões, o Ministério promoveu, ao longo de 2005, audiências públicas em seis estados da Federação e realizou consulta em seu *site* na internet sobre que parâmetros adotar. A iniciativa tem suscitado questionamentos sobre o que passa na tela da TV e como regular a veiculação desse conteúdo, como mostram alguns dos depoimentos abaixo, veiculados na série *Encontros com a mídia* e apurados nas ruas pela equipe de NÓS DA ESCOLA.



Bianca Ferreira (mãe)

– Se você souber orientar o tipo de informação e acompanhar como a criança a está absorvendo, a televisão se torna uma porta para o mundo.

Silas Soares (publicitário)  
– A classificação indicativa é importante para que os pais tenham noção do que vai passar nos programas, o que já é feito por alguns canais. Não acho essencial, mas é bom que tenha. Seria interessante que houvesse informações sobre o conteúdo do programa antes do seu início.



Sérgio Faria (administrador)

– A classificação é relevante porque você não tem como saber o conteúdo da programação. Assisto a vários programas com meus filhos e, às vezes, até as novelas abordam temas que não são apropriados para crianças. Precisamos ter informações sobre drogas, sexo e violência no conteúdo dos programas, de preferência, antes do seu início e na volta dos comerciais.

# mação



Kátia Marina (enfermeira)

– Eu acho fundamental que, dentro da sua casa, os pais tenham o direito de optar sobre os programas a que seus filhos têm acesso. A classificação indicativa proporciona informações valiosas para auxiliá-los. Mas também acho importante que eles criem discernimento na criança sobre o que é bom ou ruim. A vinheta deve ser mostrada antes de o programa começar e durante os comerciais também, porque, se o pai ligar a televisão com o programa começado, ele não terá como saber qual é a classificação.

Elizabeth Dantas (operadora de caixa)

– É preciso haver a classificação dos programas, porque muitos contêm violência que as crianças não deveriam ver, inclusive, os desenhos. Há muitos desenhos violentos. Ela ajuda a proteger a criança de conteúdo impróprio, mas depende também da educação que os pais dão a seus filhos, para que eles aceitem a orientação dos pais. É interessante que a indicação apareça antes e durante o programa.



Patrícia Carvalho (mãe)

– Eu acho que tudo tem horário. As próprias novelas abrangem hoje uma realidade da qual não podemos fugir. Mas eu acho que temos de respeitar a idade da criança que está assistindo a televisão. Aparecem cenas de sexo explícito em horários indevidos. Há o tema do homossexualismo. Tudo tem que ser abordado, sim, mas no seu devido horário. Nem todos são obrigados a assistir a esses tipos de programa, principalmente, as crianças.



Eliete Canela (médica)

Eu acho a classificação indicativa importante, mas não primordial. Os pais têm mais obrigação de fiscalizar aquilo que seus filhos assistem do que o governo de classificar. Mas ela pode auxiliar, pois nem todos os pais têm o mesmo nível de informação.

# Educação em forma de aventura

Fundação RioZoo e Obra Social da Cidade do Rio de Janeiro lançam o projeto Zoomóvel

FOTOS: ALBERTO JACOB FILHO



Uma escola itinerante, em cujo espaço cenográfico tartarugas marinhas, lobos-guará, jibóias e outros animais ajudam a despertar nas crianças o amor pela natureza e a consciência sobre a importância da preservação do meio ambiente. A novidade pode até parecer brincadeira, mas faz parte de um trabalho sério de educação ambiental, que circula pelo Rio de Janeiro desde o início de outubro. É o Zoomóvel, um ônibus que sofreu adaptações para mostrar os valores da biodiversidade brasileira, sob a orientação de biólogos do centro de educação da RioZoo.

O projeto, desenvolvido pela Obra Social da Cidade do Rio de Janeiro, com patrocínio do Instituto Vivo, órgão de responsabilidade social da operadora de telefonia móvel Vivo, reúne diversão e aprendizado e se destina basicamente às comunidades carentes do município.<sup>1</sup> Depois do “embarque”, os participantes recebem informações sobre os ecossistemas e os animais ameaçados de extinção no Brasil e observam animais vivos e empalhados, além de assistirem a um vídeo em que um paggaio e um tamanduá falam sobre a fauna e

a flora brasileiras. “A importância é mostrar o porquê do desmatamento, o porquê de os animais estarem ameaçados de extinção, evidenciando o que deve ser feito para preservar o meio ambiente”, explica Anita Carolina, presidente da Fundação RioZoo.

Mas o maior mérito do Zoomóvel é levar esse conhecimento a comunidades distantes ou de baixa renda, que normalmente não têm acesso ao Jardim Zoológico. É o que destaca Mariangeles Maia, diretora-presidente da Obra Social da Cidade do Rio de Janeiro: “É importante entrar nas comunidades, sobretudo hoje em dia, diante desse processo de degradação mundial. Precisamos alertar as crianças e as famílias das crianças.”

São justamente as crianças as mais animadas com o projeto. Fabiana Silva e Diogo Oliveira, de 12 anos, e Jonathan Barbosa, de 11, alunos da 5ª série da Escola Municipal Finlândia, puderam complementar com o passeio as informações assimiladas na sala de aula. “Com o vídeo fica mais fácil



## Diversão a serviço do aprendizado

Terminada a viagem no Zoomóvel, a aventura pode continuar para quem visita o Jardim Zoológico. São quase 2 mil animais, entre aves, mamíferos e répteis, abrigados numa área de 138 mil m<sup>2</sup>. Para que as crianças em idade escolar possam aproveitar ao máximo o passeio, aprendendo e se divertindo ao mesmo tempo, o projeto Zôo Educar desenvolve uma série de atividades educativas. Nas visitas guiadas para escolas, os estudantes conhecem os bastidores do Zoológico, descobrindo o que acontece em espaços como a cozinha dos animais e os laboratórios de pesquisa. As escolas públicas podem participar gratuitamente, agendando uma visita entre os meses de março e dezembro, pelo telefone 2567-9732.

Já o professor interessado em integrar o conteúdo da sala de aula à visita pode se transformar, ele próprio, no guia de seus alunos. Nos meses de abril e setembro, o Zôo Educar oferece um curso de capacitação para professores da rede municipal de ensino, com o objetivo de prepará-los para a visita escolar. O curso tem duração de um mês e as aulas acontecem às quintas-feiras, entre as 13h e as 17h30, para professores indicados pela Secretaria Municipal de Educação. “Ensinamos os professores a seguirem um roteiro predeterminado, focando a atividade de acordo com os interesses de conteúdo. Do contrário, eles ficam muito perdidos e o aproveitamento não é tão bom”, explica Denise Monsore, diretora técnica do Jardim Zoológico.

O projeto oferece ainda apoio a pesquisas escolares, com uma mini-biblioteca que pode ser utilizada por qualquer estudante. Lá, os alunos encontram fichas com dados biológicos de todas as espécies existentes no Zoológico, além de informativos sobre a fauna brasileira e séries sobre animais classificados em categorias como notívagos, urbanos e carnívoros, entre outras. A partir de janeiro do ano que vem, os estudantes poderão conferir também uma amostragem de todos os ecossistemas brasileiros, reproduzidos no Museu da Fauna.

aprender, porque fica tudo ilustrado”, opina Fabiana. “Gostei de ver a parte sobre a Mata Atlântica, estamos estudando isso na escola. Nunca tinha visto os animais como pude ver hoje, porque só tinha vindo ao zoológico uma vez. Agora vai ficar mais fácil para quem mora longe ou não tem como vir”, completa Diogo.

Para o presidente do Instituto Vivo, João Luiz Barroso, as crianças são mesmo os personagens centrais. “Elas serão as aliadas neste processo de conscientização ambiental. O espírito do Zoomóvel é despertar nelas a consciência de que a destruição de recursos naturais compromete as gerações futuras”, justifica João Luiz. A parceria com o Instituto Vivo, que possibilitou levar o ônibus à rua, veio a calhar. “Este projeto era um desejo muito antigo nosso”, ressalta o secretário municipal de Meio Ambiente, Ayrton Xerez. ■

<sup>1</sup> Escolas públicas e instituições que desenvolvem trabalhos sociais podem agendar gratuitamente as visitas ao Zoomóvel, na RioZoo, pelo telefone 2569-2024, ramais 227 e 253.

# “O futuro da internet está na con

Carlos Nepomuceno assistiu ao nascimento da internet e acompanhou de perto seus primeiros passos no Brasil. Foi um dos primeiros jornalistas a se especializar em informática e escreve sobre o tema desde 1983. Ao longo de duas décadas, viveu a fase da reserva de mercado, quando possuir um microcomputador moderno era quase impossível; viu a popularização dos PCs; assistiu ao crescimento e à explosão da bolha da internet; e acompanhou a eclosão do movimento pela inclusão digital. Nesta entrevista, ele aborda conceitos muito debatidos e pouco implementados no cotidiano da grande rede, discute o papel de professores e jornalistas, sugere um novo modelo de *web* e alerta para as grandes transformações que surgirão nos próximos anos.

A internet já se integrou ao cotidiano de muitas pessoas. Mas ainda há dúvidas quanto ao futuro da *web*...

Para falar do futuro, é preciso refletir sobre o passado. Às vezes, nem nos damos conta de que a internet tem só uma década de existência. Pelo menos como a conhecemos hoje, ela surgiu em 1994 nos Estados Unidos e chegou ao Brasil em dezembro de 1995. Representou uma revolução na comunicação, pois permitiu pela primeira vez a comunicação “de muitos para muitos”, como diz o pensador Pierre Lévy.

Você se refere à democratização da produção e do acesso à informação?

A muito mais que isso. Quebrou-se um paradigma. Antes, havia o veículo enviando a sua mensagem a um grupo imenso de receptores – era a comunicação de poucos para muitos. Não existia espaço para contestação. Com a internet, não só muitos puderam produzir informação para muitos, como se tornaram alvo de contestação pela audiência. O processo de comunicação ficou muito mais rico com a internet. Se eu crio um *blog* e publico algo polêmico, de antemão imagino que receberei críticas e elogios, que estarão nos comentários do *blog*. Meus leitores conhecerão os dois lados da moeda.

Esta situação não é regra, mas exceção. Os grandes portais de informação, por exemplo, mantêm a lógica da comunicação de poucos para muitos...

A internet criou uma nova dinâmica, uma nova forma de articulação do pensamento. Ai talvez esteja o grande erro de quem trabalha ou quer trabalhar

com ela. Poucos perceberam que não se pode, por exemplo, criar um *site* usando a lógica da publicação impressa ou do audiovisual. O que vemos na *web*, na maioria das vezes, é a mera transposição de linguagens de um veículo para outro. É preciso haver um salto de qualidade.

De que forma?

As linguagens que precederam a internet trazem uma lógica linear e cartesiana que não se enquadra na lógica hipertextual da *web*. Neste ponto, a internet funciona de forma muito parecida com o nosso pensamento: um tema puxa outro, que desemboca em um terceiro, que segue por algo completamente diferente do tema inicial. Nós pensamos exatamente assim. O mesmo acontece com a internet.

Mas é preciso que haja algum tipo de sistematização. Caso contrário, a informação se dilui.

Esse é o ponto. Organizar não significa engessar em formatos semelhantes, por exemplo, ao da página de uma revista. É necessário aproveitar o caráter hipertextual da *web* e investir na produção conjunta de conteúdo.

Como?

Despindo-se de qualquer tipo de arrogância ou prepotência típica dos “donos do saber”. Não dá mais para simplesmente formular um conteúdo e colocá-lo na internet. É salutar que esse conteúdo seja manipulado, alterado, transformado pelos internautas, em um processo de troca, de complementação. A internet é um espaço de in-

TEXTO

MARLÚCIO LUNA

(EDITOR DE CONTEÚDO DO  
PROGRAMA SÉCULO XX1)

# Construção de inteligência coletiva”



Inteligência coletiva, construída cotidianamente. Essa ideia assusta alguns grupos profissionais específicos. Jornalistas e professores são duas categorias que servem como exemplo. A primeira porque teme perder a condição de canal de comunicação com a sociedade – o que é um temor infundado, pois as técnicas de comunicação continuarão a ser empregadas pelos jornalistas. Para os professores, a situação é ainda mais complexa, visto que os educadores temem ser substituídos pela internet ou pelos computadores. Já vimos esse filme quando surgiram o rádio, a televisão e o videocassete. As tecnologias se consolidaram e o professor manteve a sua função, que é essencial para a sociedade. Tanto os jornalistas quanto os professores precisam compreender que suas atividades passarão por transformações inerentes aos novos tempos. Ambos cumprirão o papel de mediadores. No primeiro caso, haverá mediação de informação. No segundo, a mediação será no campo da construção de saberes.

## Essa é uma perspectiva de curto prazo?

Prever o ritmo de mudança é algo temerário. Mas acredito que a necessidade de transformação é imediata. Quem demorar a perceber isso vai perder o trem da história. O futuro da internet é a inteligência coletiva. Os grupos de pesquisa de ponta já trabalham nesse sentido. Um exemplo é a Coppe [Coordenação dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia] da UFRJ [Universidade Federal do Rio de Janeiro]. Lá, estamos trabalhando na

consolidação do Centro de Referência em Inteligência Coletiva (Crico). A ideia é gerar uma ferramenta baseada em *softwares* livres para que qualquer grupo, entidade ou pessoa possa criar *sites* capazes de implementar o conceito de inteligência coletiva.

## Que efeitos práticos isso pode trazer?

Eu diria que há a possibilidade de radicalizar uma característica já presente na internet. Em que atividade econômica uma pessoa ou um pequeno grupo pode ameaçar uma grande corporação? Só na internet isso é possível. Pegue o exemplo da disputa entre Microsoft e Linux. Um desconhecido estudante de ciência da computação da Universidade de Helsinque, na Finlândia, decidiu enfrentar Bill Gates, criou um sistema operacional aberto e o colocou na internet. Ele foi aprimorado graças às contribuições de milhares de usuários ao redor do mundo. Eis um exemplo de inteligência coletiva que pôs em xeque a maior empresa do planeta. A *web* tem o poder de desencadear revoluções globais nas mais variadas áreas a partir de iniciativas individuais ou locais.

## Mas, afinal, qual é o futuro da internet?

Ao contrário do que muita gente pensa, o futuro da *web* não está na tecnologia ou na convergência de mídias. Isso já é o presente. Limitações tecnológicas atuais serão superadas. Há menos de cinco anos, era impossível a transferência de arquivos com filmes de longa-metragem. Hoje, graças aos *softwares* de compactação, já é possível. Considero exageradas essas notícias alertando para o risco de a internet parar em 2010 por causa do excesso de tráfego de dados. Elas não levam em conta os avanços que ocorrerão até lá. O futuro da *web* passa pela percepção de todo o potencial que ela oferece. Hoje, é como ter uma Ferrari para dirigir no engarrafamento. A principal característica da Ferrari – a velocidade – não aparece e ela fica igual ao Fusca. A *web* não deve se limitar simplesmente a fornecer conteúdo. Ela precisa assumir o papel de ferramenta de elaboração coletiva de conteúdo. A internet vai se transformar em um espaço democrático de construção de inteligência coletiva, cujos efeitos poderão beneficiar a sociedade. ■

# Não à poluição e ao esgoto



Em muitas praias da cidade a sujeira dificulta a vida dos banhistas

## TEXTO

DURVAL MELLO  
(ENGENHEIRO E CHEFE DE  
GABINETE DA FUNDAÇÃO  
RIO-ÁGUAS)

## FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

Sanear significa tornar são, sadio, saudável. Saneamento, portanto, tem tudo a ver com saúde. Nas áreas saneadas as possibilidades de contágio por moléstias são eliminadas, a mortalidade infantil é reduzida e a procura das famílias por hospitais e postos de saúde, minimizada. Cabe à administração pública oferecer os cinco tipos de serviço que compõem o saneamento básico: abastecimento de água potável, esgotamento sanitário, drenagem, coleta e destino final adequado ao lixo e controle de transmissores, como ratos e mosquitos. Mas a população também tem muito a fazer para evitar a poluição e manter casas e cidades limpas.

Na cidade do Rio de Janeiro, a gestão dos serviços de abastecimento de água e saneamento está a cargo do governo do estado desde a fusão dos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro, em 1975. A Prefeitura, no entanto, vem apresentando proposições para a modificação do modelo vigente, além de garantir a implementação do esgotamento sanitário em regiões carentes desse tipo de serviço<sup>1</sup>. Criada em 1998, a Fundação Rio-Águas é um marco do poder executivo municipal, que vem ampliando a sua ação nas decisões de gestão, regulação, outorgas e concessões no setor.

## Para deixar a cidade limpa

- Não deixe folhas, galhos, plásticos e outros objetos obstruírem ralos e caixas de inspeção.
- Não jogue papel higiênico, preservativos, absorventes, fio dental, cotonetes etc. nos vasos sanitários.
- Não deixe restos de comida escoarem pelo encanamento da pia.
- Verifique vazamentos em casa e no trabalho.
- Não “varra” quintais e calçadas com água. Use a vassoura.
- Não deixe a torneira aberta enquanto escova os dentes, faz a barba ou lava a louça.

**Fim das fossas** – Com o Programa Municipal de Saneamento, a Rio-Águas está transformando o precário sistema de esgotamento sanitário dos bairros do Recreio dos Bandeirantes, Vargem Grande e Vargem Pequena, na Zona Oeste, que até hoje funciona com fossas, sumidouros<sup>2</sup> e valas. Com investimento de R\$ 23 milhões, o programa prevê a implantação de 149 quilômetros de redes coletoras, a construção de 21 estações elevatórias e de



<sup>1</sup> A Lei Municipal nº 2617, de junho de 1998, autoriza o Poder Executivo a explorar, direta ou indiretamente, os serviços de abastecimento de água e esgoto de interesse do Município do Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> Sumidouros são escavações utilizadas para receber os efluentes das fossas em ruas sem canalização de águas pluviais. Nessas escavações, a água é absorvida pelo subsolo. Ela jamais deve ser lançada ao ar livre ou em sarjetas, por conta do alto grau de contaminação.

quatro estações de tratamento de nível secundário, reduzindo em até 90% a carga orgânica do esgoto. O método utilizado preconiza o tratamento na própria bacia de esgotamento, o que evita o transporte a grandes distâncias, diminui o custo de implantação e garante mais rapidez e eficácia na prestação do serviço à população.

O sistema já está ativado no Recreio dos Bandeirantes, com duas estações de tratamento em pleno funcionamento. A queda do número de casos de doenças transmitidas por água contaminada e a preservação de lagoas, rios e canais, que antes recebiam toda a carga poluente *in natura*, sem qualquer tipo de tratamento, contribuíram para a melhoria da qualidade de vida na região. Em Vargem Grande e em Vargem Pequena, as obras estão em fase final, com previsão de término para o ano de 2006. Juntamente com os sistemas municipais implantados no Favela-Bairro e Bairrinho, o programa permitirá a construção de redes de esgotamento sanitário para uma população superior a 500 mil habitantes. ■

## Fossas sépticas

Quando não existe rede coletora de esgoto sanitário dotada de tratamento adequado, é necessário que o tratamento ocorra na área do imóvel. Utiliza-se então a chamada fossa séptica, um dispositivo de fluxo contínuo, à venda nas lojas de material de construção. O volume mínimo de uma fossa séptica é de 1.250 litros, ideal para um imóvel com até cinco pessoas. O volume máximo é de 75 mil litros, suficiente para 500 pessoas.

Antes de ser utilizada, a fossa deve estar cheia de água limpa. Ao menos uma vez por ano, deve ser limpa, para a retirada do lodo e da espuma, um líquido que se acumula na superfície. Nessas ocasiões, deixa-se o volume com cerca de 25 litros, para que o tratamento não seja interrompido. Convém que a fossa séptica seja instalada na frente do terreno, próxima à rua, para facilitar a limpeza. Altamente contaminado, o lodo deve ser imediatamente enterrado.



### SAIBA MAIS

- Ministério das Cidades  
Secretaria Nacional de Saneamento Ambiental  
Diretrizes para os serviços públicos de saneamento básico e Política Nacional de Saneamento Ambiental – PNSA (anteprojeto de lei)
- <http://www.cedae.rj.gov.br>
- <http://www.cidades.gov.br>

## Manutenção das instalações

Uma instalação de esgoto sanitário é formada por tubos e caixas de concreto. As caixas destinam-se à manutenção das instalações e devem ter tampa de ferro fundido, para mais proteção. A instalação deve ter ao menos uma abertura para o exterior – o tubo de ventilação, destinado à saída dos gases da rede coletora de esgotos e à entrada de ar na canalização.

A responsabilidade da concessionária do serviço se limita à ligação ao prédio, trecho entre a última caixa de inspeção e o coletor público. É necessário, portanto, que donos e ocupantes dos imóveis tomem alguns cuidados como:

- a limpeza semanal da caixa de gordura, com lançamento dos resíduos, devidamente embalados, no lixo;
- o controle imediato de vazamentos internos ou de um imóvel para outro (não só de esgotos, como também de água), que oferecem alto risco de contaminação;
- a verificação do nível de água dos desconectores (caixas dotadas de camada de água para evitar a penetração dos gases da rede de esgotos no interior do imóvel, como o vaso sanitário, a caixa de gordura, o ralo sifonado e a caixa sifonada). O volume de água deve ser suficiente para evitar o mau cheiro;
- as águas de chuva, piscinas e jardins não devem ser escoadas pelas instalações de esgotos sanitários.

# A educação pelo esporte

Jogos Estudantis Municipais mobilizam cerca de 24 mil alunos da rede

Em épocas de grandes eventos internacionais, como a Copa do Mundo, as Olimpíadas ou os Jogos Pan-americanos, o esporte vira assunto em todo lugar. No Brasil, o futebol ainda rende conversa o ano inteiro. Mas nem sempre a prática esportiva ganha o merecido destaque no dia-a-dia. Além de essencial à preservação de hábitos de vida saudáveis, ela pode ser um poderoso aliado no processo de educação. Pensando em todos os benefícios, a Prefeitura do Rio de Janeiro realiza há 14 anos os Jogos Estudantis Municipais, que reúnem cerca de 24 mil alunos e 1.800 professores da rede municipal de ensino. A cerimônia de premiação deste ano aconteceu no último dia 12.

A iniciativa, coordenada pela Secretaria Municipal de Educação (SME), atende aos objetivos de educar a juventude pela prática esportiva, difundindo valores como ética, compreensão mútua, fraternidade e solidariedade. Às vésperas dos Jogos Pan-americanos de 2007, serve ainda para preparar os futuros anfitriões da festa do esporte. Aprender a competir é uma experiência e tanto, mas os resultados das competições perdem importância diante da mobilização de professores, alunos e escolas. "Somos a maior rede de educação pública da América Latina e atividades dessa natureza ganham importância muito grande", ressalta Ana Lúcia de Azevedo, coordenadora interina dos Jogos Estudantis deste ano.

A realização dos Jogos fica a cargo da Supervisão de Projetos Culturais da Divisão de Educação Fundamental (DEF). "São oportunidades para as crianças se posicionarem de forma integral na sociedade. Priorizar só a sala de aula seria desperdiçar as potencialidades delas", avalia Ana Lúcia. Há competições para meninos e meninas, divididos em quatro categorias: pré-mirim (9-10 anos de idade), mirim (11-12 anos), infantil (13-14 anos) e infanto-juvenil (15-16 anos). Entre os meses de julho e dezembro, os participantes disputam oito modalidades esportivas: atletismo, basquete, futsal, handebol, natação, tênis de mesa, voleibol e xadrez.

**Organização** – A ação das Coodenadorias Regionais de Educação (CREs) também é decisiva para os Jogos Estudantis. Cada uma das 10 CREs realiza, entre suas escolas, a primeira etapa dos torneios de quadra, que acontece entre julho e setembro, nas próprias unidades escolares, em quartéis militares, clubes, associações comunitárias, universidades e complexos desportivos. De outubro a novembro, são conhecidos os vencedores de cada CRE. Supervisor técnico dos jogos nas áreas da 3ª e 4ª CREs, Hilton César de Mattos Vieira ressalta a importância do período que antecede os jogos. "O processo nas escolas é mais importante que a competição. Tudo depende da forma como o professor conduz os trabalhos e difunde os valores do esporte".

Na modalidades de atletismo, tênis de mesa, xadrez e natação, os jogos são realizados em etapa única, coordenados pela própria Supervisão de Projetos Culturais da DEF. De agosto a novembro, cada mês é dedicado a um esporte. As federações são contratadas para viabilizar cada etapa. Centros desportivos com total infra-estrutura sediam as competições. Este ano, por exemplo, a etapa de atletismo aconteceu no Estádio Célio de Barros. Para Ana Lúcia, esta é outra grande conquista dos Jogos. "Só o fato de as crianças poderem competir em lugares como este já é fantástico", enfatiza.

Os Jogos Estudantis Municipais contemplam com medalhas e troféus alunos e unidades escolares classificados em até 3º lugar em cada modalidade, sexo e categoria. A unidade que somar o maior número de pontos leva ainda o troféu de campeão geral. Professores classificados em até 20º lugar ganham bolsas esportivas, agasalhos e as escolas, material para a prática de esportes. Os resultados, no entanto, superam as expectativas: "As crianças aprendem coisas que levam para a vida inteira", ressalta Ana Lúcia. Sobre o valor de saber perder, ela faz uma ressalva. "Às vezes, é mais importante saber ganhar. A criança tem de aprender a respeitar o outro, encarar a vitória com humildade, responsabilidade e ética", justifica. ■

TEXTO

RENATA PETROCELLI

# 'E-mail' ao alcance de todos

Quem ainda não tem endereço eletrônico pode criar o serviço gratuitamente

Desde a sua criação, a internet revolucionou os processos de comunicação do homem moderno. Junto com a rede mundial, veio o correio eletrônico, ou *e-mail*, que se tornou fundamental no dia-a-dia de milhões de pessoas, como ferramenta de trabalho e para a troca de correspondências com amigos e familiares. Atualmente, vários provedores oferecem este serviço de forma gratuita.

Para abrir uma conta de *e-mail* gratuita, basta acessar os *sites* de provedores como Hotmail, BOL, Yahoo, Zipmail e IG. É só preencher um cadastro, criar um endereço, escolher uma senha e pronto! Toda a praticidade da comunicação via internet estará a seu dispor.

Não é necessário nem mesmo ter computador em casa para usar um *e-mail*. Com o *login* (nome com o qual é identificada cada conta de *e-mail*) e a senha escolhidos no momento de sua criação, a conta de endereço eletrônico pode ser acessada de qualquer computador ligado à internet. Basta clicar no *site* do provedor e, de lá, enviar e receber *e-mails*, além de armazenar as mensagens recebidas.

Muitas escolas da Rede têm acesso à internet em salas de leitura e nos laboratórios de informática. Mas há também lugares públicos que disponibilizam o acesso. Na maioria dos *shoppings*, por exemplo, podem ser encontrados quiosques de provedores de internet banda larga, como Velox, Virtua e Speedy. Além disso, é possível conectar-se à rede mundial de computadores em lanchonetes, *lan houses* e *cyber cafes*.

**Mudança de comportamento** – A criação da internet é considerada um dos principais acontecimentos da história da humanidade. Com ela, pessoas comuns ganharam a possibilidade de produzir, gerenciar e distribuir informações em larga escala. Trata-se do maior sistema de comunicação já desenvolvido pelo homem.

Além de aumentar exponencialmente a circulação de informações, a internet mudou o comportamento do ser humano, que hoje passa horas por dia na frente do monitor, navegando na rede mundial de computadores por lazer ou a trabalho.

A primeira rede de transmissão de dados surgiu em 1969, com o objetivo de conectar as bases militares dos Estados Unidos. Com o passar dos anos, o acesso foi liberado para cientistas de universidades e, em 1989, chegou ao grande público com a criação da World Wide Web (*www*). No ano seguinte, tornaram-se populares os primeiros provedores de acesso – empresas que fornecem infra-estrutura para os usuários se conectarem e utilizarem a internet. No Brasil, apenas em 1995 este serviço foi disponibilizado comercialmente.

Hoje, são mais de 30 milhões de brasileiros conectados à internet, sendo 11 milhões usuários domiciliares. O número aumenta rapidamente, assim como a velocidade das conexões. Os provedores de banda larga, que oferecem conexões rápidas, chegaram em 1999. Canais de TV a cabo e operadoras telefônicas obtiveram o direito de prover acesso à rede e passaram a oferecer serviços com velocidades de até 256 kbps (kilobits por segundo), bem acima da conexão discada via modem, cuja velocidade máxima é de 56 kbps. Atualmente, os provedores oferecem serviços de conexão com velocidade de até 8.000 kbps. ■

TEXTO

FÁBIO ARANHA



**ABRINDO O VERBO**

Na Band:  
Reapresentação:  
Net Rio -  
Net Educação

Confira a versão eletrônica e a programação da MULTIRIO  
[www.multirio.rj.gov.br](http://www.multirio.rj.gov.br)

# Um kit de conteúdo e diversão

Produtos adquiridos pela MULTIRIO chegam às escolas em cópias VHS



História, literatura, meio ambiente, ciência, relações sociais... Esses e outros assuntos vão ganhar novas abordagens nas salas de aula com a distribuição do terceiro kit de produtos licenciados da MULTIRIO. São episódios de 30 séries adquiridas junto a produtoras nacionais e internacionais, já exibidos na programação veiculada na Net, na Band e na TV Alerj. Os programas chegam às escolas em cópias VHS, assim como aconteceu com o primeiro e o segundo kits, distribuídos em 2003 e 2004, respectivamente.

Para garantir o amplo acesso de alunos e professores a essas produções, a Secretaria Municipal de Educação (SME) distribuiu os kits para as 30 salas de leitura pólo, as Divisões de Educação (DEds) de todas as Coordenadorias Regionais de Educação (CREs), o Centro de Referência da Educação Pública (Crep), a Diretoria de Educação Fundamental (DEF), a Divisão de Mídia e Educação e a Biblioteca Lourenço Filho, as três últimas do Departamento Geral de Educação (E/DGED).

Os temas relacionados à natureza são recorrentes entre as séries que compõem o terceiro kit. *Animação verde*, produzida pela ONG World Wildlife Fund (WWF), ressalta a importância da preservação do meio ambiente. Já *O divertido*

*mundo dos bichos* e *Grupo dos cinco* exploram diferentes características dos animais. Há ainda *No fundo do mar*, sobre os segredos do mundo submarino; *Natureza e tecnologia*, que relaciona mecanismos de plantas e animais às invenções humanas; e *Olho vivo*, que trata de temas da história natural e da ciência.

Ainda na área de ciência, destacam-se *Grandes questões e pesquisas científicas*, que discute a origem do homem, as forças que governam o universo e outros temas inquietantes; *Infinitamente curvo*, que explica a Teoria da Relatividade de Einstein com analogias de fácil entendimento; e *Legendas da ciência*, sobre aventuras e façanhas que resultaram em extraordinárias descobertas.

Os programas de literatura são *Escritores, testemunhas do seu tempo*, que mostra como o contexto histórico influencia os autores, e *Épicos animados*, série que adaptou *Dom Quixote*, *Moby Dick* e outros clássicos para desenho animado. Assim como os escritores, pintores e filósofos também têm vez: *Arte na galeria* analisa quadros da National Gallery de Londres, enquanto *Tempo dos filósofos* e *Investigadores do nosso tempo* apresentam as ideias de grandes nomes da filosofia ou das ciências sociais.

## TEXTO

FERNANDA MARQUES

## IMAGENS

REPRODUÇÃO DAS SÉRIES





Não faltam também séries sobre questões históricas, como *A misteriosa Idade Média*; *Índia*; *Irlanda*; *Irlandas*; *Palestina, história de uma terra*; *As religiões do mundo*; *Cenas do século*; *Apartheid*; e *Grandes nomes da história*.

As diferentes formas de expressão e organização das sociedades humanas estão em *Ecce homo*. Crianças do mundo todo apresentam os costumes de seus países, sua estrutura familiar e os diferentes meios de locomoção nas séries *Minha casa*, *Minha família* e *Transporte*,

respectivamente. Já no programa *Expresso Brasil*, personalidades brasileiras fazem um *tour* pelo estado onde nasceram.

Há espaço também para o universo das crianças. *Um dividido por dois* mostra memórias e sentimentos despertados nos filhos quando os pais se divorciam. *Um sonho de criança* aborda o imaginário infantil, enquanto em *As crianças perguntam* o público mais jovem pode tirar suas dúvidas sobre os mais variados assuntos, como o voo dos pássaros ou a utilidade dos óculos. ■

**Serviço**

Para obter cópias de produções da MULTIRIO, as escolas da Prefeitura do Rio devem enviar ofício à Central de Atendimento MULTIRIO, pelo fax 2537-1212, informando o nome da série e o título desejado. A remessa é feita pelas CREs. Para mais informações, basta entrar em contato com a Central de Atendimento, pelo telefone 2528-8282.

## O que já tem na sua escola

Em 2003 e 2004 a MULTIRIO distribuiu dois kits, cujas séries estão listadas abaixo:

- Meu pequeno planeta
- Dragolândia
- O olho do ciclope
- A dança dos brutos
- Chuí
- O mundo mágico de Bia e Beto
- O planeta de Pipsqueak
- E foi assim...
- Os álbuns
- Crônicas da minha escola
- Ciências na escola
- Vida selvagem
- Pequenas histórias da natureza
- Imagens da natureza
- Quando o mundo falava árabe
- Museu mutante
- Meteorologia
- Primeira aula
- A lagarta faminta e outras histórias
- O homem e suas descobertas
- Senhores dos animais
- As plantas
- Contos desfeitos
- Jantar para dois
- Os multoches
- O que é isso?
- Lucas e Lucinda
- Pedro e o lobo
- Pequenas histórias da natureza
- As crianças perguntam
- Matilda
- O vento nos salgueiros

- O inverno nos salgueiros
- Christopher muda de nome
- Christopher, por favor, limpe o quarto
- Ciências, por favor
- Dino-safári
- Um sonho de criança
- Shakespeare, histórias animadas
- Alma negra
- Como eles fazem...
- A máquina dos alimentos
- O cosmo
- Se eu fosse um bicho
- Viva a diferença
- Nos quadros
- Arte em questão
- Ciência nua e crua
- O mundo natural
- A origem das espécies
- Além-mar
- Na rota dos orixás
- Visões do esporte
- Por que será?
- Escolhi viver aqui
- Um dia de festa
- Momento Brasil
- Na ponta dos pés
- Mestres da literatura
- Ecovídeo
- O menino do vestido rosa
- Pequenas histórias para se saborear
- Retratos de animais
- Paraíso perdido



Christopher muda de nome



A dança dos brutos



Ciências, por favor



Na rota dos orixás



Pedro e o Lobo



O inverno nos salgueiros

# Atualização da Multieducação: 1º ciclo de formação



O fascículo *Refletindo sobre o trabalho no 1º ciclo de formação – a multieducação na sala de aula* tem como principal objetivo possibilitar aos professores do 1º ciclo de formação e das turmas de progressão a reflexão sobre um caminho metodológico de alfabetização a implementar com seus alunos. Aborda também questões fundamentais sobre a importância do aprender a ler e escrever a língua materna sem encarar esse processo de maneira reducionista, referente a um período de formação humana. A língua assume um nível diferenciado na escola, em que a oralidade é representada simbolicamente pela escrita, trabalhando a essência de sentidos e significados estabelecidos social, cultural e historicamente.

o primeiro dia, professores e alunos estarão imersos numa rede de significações e sentidos tecida no ir-e-vir dos signos, e que agora precisa ser tratada de maneira especial no espaço da sala de aula.

A principal característica do ciclo de formação é a reconceituação da escola como espaço de formação, não só de aprendizagem. Impossível, pois, pensar esse processo de alfabetização apenas como a apropriação de um código. Desta maneira, é de fundamental importância que o trabalho se desenvolva a partir do texto enquanto unidade significativa, percebendo-o e valorizando-o em todas as áreas de conhecimento, afastando-se da idéia de que texto se refere apenas à área de língua portuguesa. É preciso ter clareza de que em ciências, matemática, história e geografia também se tem um universo de textos que possibilita um excelente trabalho de apropriação da escrita, desde que seja considerado de forma contextualizada e significativa.

## TEXTO

ANDREA FILIPECKI  
(Assistente da Diretoria de  
Educação Fundamental  
do DGED da SME)

Entendendo que a aprendizagem da leitura e da escrita possibilitará um salto qualitativo no desenvolvimento do aluno, os professores entenderão, também, que serão 600 dias letivos de muito investimento e trabalho. Desde

Outra característica marcante do regime ciclado é o trabalho coletivo, exigindo planejamento conjunto dos professores e utilização de espaços articulados e diferenciados. Caso contrário, como garantir continuidade na reorganização do tempo escolar e do tempo na escola?

No fascículo, o professor encontrará os eixos básicos que irão nortear seu fazer pedagógico, parecendo, a princípio, óbvios a qualquer trabalho, mas que, compreendidos na dinamicidade que os caracteriza, permitirão a flexibilidade e concretude de ações com os alunos no período de desenvolvimento humano do 1º ciclo de formação. São eles: *ver, ouvir, falar, ler, escrever, contar*.

Também, são definidos alguns pressupostos para o desenvolvimento do trabalho. Destacam-se, aqui, dois deles:

- Aprende-se a ler e a escrever se aprende lendo, escrevendo e pensando, ou seja, é no próprio ato da interação via escrita que se dá a apropriação desse sistema de representação.
- Os alunos se apropriam de conhecimentos formais e, especificamente, da leitura e da escrita, por meio de processos de interação dialógica, em que o professor é o seu principal interlocutor.

No fascículo poderão ser encontrados, ainda, alguns dos objetivos de trabalho para o 1º ciclo de formação, nas áreas de língua portuguesa e matemática. Houve o cuidado de redigi-los de forma que não gerassem descontinuidade nas ações pedagógicas durante os 600 dias letivos, visto que não há uma determinação temporal rígida como na seriação. É importante que os professores leiam, analisem e tracem um paralelo desses objetivos com os que vêm sendo elaborados em seus planejamentos. Definir objetivos claros é *condição básica* para que um trabalho de qualidade possa ser desenvolvido.

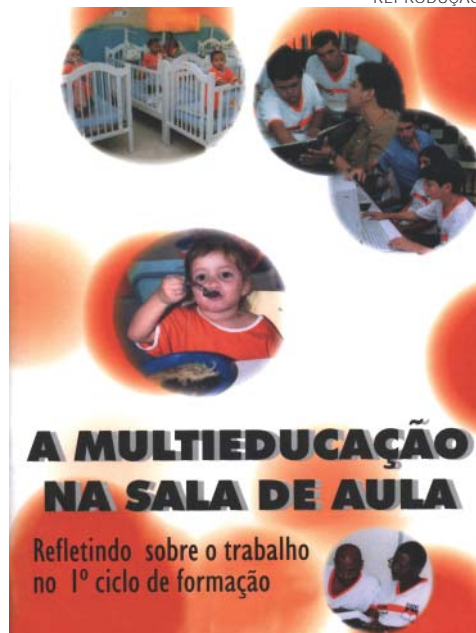
O carro-chefe do fascículo é a proposta de trabalho com a leitura e a escrita enquanto artefato cultural, onde é resgatada a discussão de que essas aprendizagens precisam ser

ensinadas, considerando como grande desafio compatibilizar a *interdiscursividade* (que inclui o aspecto fundamentalmente social das funções, das condições e do funcionamento da escrita: *para quê, para quem, onde, como, por que escrevo*), com a *discussão e reflexão dos vários conteúdos da língua portuguesa*, necessários para compor um texto (espaçamento entre as palavras, unidade semântica, relação fonema-grafema etc).

Sendo assim, professor, é de vital importância o trabalho com diferentes linguagens, propiciando espaços alternativos, onde os alunos se expressem de diferentes formas e realmente sejam sujeitos do seu próprio processo de aprendizagem. Torna-se imprescindível que você compreenda as práticas culturais dos alunos, traga-as para a sala de aula e discuta sobre elas, relacionando-as às suas próprias práticas, e juntos, construam, ampliem e avancem em seus conhecimentos de mundo.

Espera-se que a reflexão sobre o trabalho no 1º ciclo de formação apresentado no fascículo contribua para novos direcionamentos no cotidiano de sala de aula, efetivando o diálogo entre os conhecimentos de todos e possibilitando aos sujeitos envolvidos nessa trama novos olhares sobre si mesmos e novas configurações do saber. ■

REPRODUÇÃO



# Redação não deve ser uma forma de castigo

Nos dias de hoje, uma grande queixa e um enorme desafio para o educador estão na questão referente à produção textual. Entendamos, primeiramente, o que é produção textual, estabelecendo para isso a diferença entre redação e texto. Enquanto o primeiro termo está revestido de aspectos de textualidade, como inferências, intertextualidade, interdiscursividade e intenção comunicativa, o segundo, por sua vez, não está. Ou seja, redação é uma produção escrita que se configura de maneira menos original e rica do que o texto, efetivamente, repleto de marcas textuais. O que é necessário, então, para desenvolver no aluno essa postura diante da prática textual?

Não há, de fato, receitas prontas, a não ser alguns caminhos. É preciso fazer com que o aluno se sinta, sobretudo, autor de seu próprio texto. Também é preciso abolir definitivamente a prática de redação como forma de castigo. Escrever não é um dom divino, como algumas pessoas erroneamente pensam. É técnica que, como tal, deve ser constantemente aprimorada.

Não quero execrar a gramática, mas, sim, humanizar a postura dos que se tornam escravos da normatização, tratando a língua de maneira ortodoxa, fazendo com que esta se torne um todo acabado e não um *continuum* de sentidos em construção. Assim, desprezam a variante do aluno, imputando-lhe o imperialismo da normatização, que concebe o falante como mero reproduzidor. Não devemos sucumbir à metalinguagem, muito menos adotar a postura reducionista de que a língua é um sistema acabado, arbitrário e hermético.

A produção textual está vinculada às várias áreas do conhecimento, mas é no ensino e na aprendizagem da língua materna que essa importância se notabiliza. Sabemos das dificuldades no campo em que muitos professores titubeiam e acabam cometendo vários equívocos e, principalmente, terminam por depreciar a competência natural do aluno, pois o que é considerado relevante é apenas o que está na contramão das expectativas do próprio educando. Pensemos

mais um pouco: o que é falar e escrever bem? Numa visão tradicional, é agir em concomitância à norma culta-padrão. Mas se fugirmos dos estereótipos da ortodoxia, veremos que falar e escrever bem é agir de maneira pragmática e coerente, permitindo a concatenação dos enunciados e a recuperação do sentido.

É crucial refletirmos se estamos ou não adequando nossas estratégias de ensino frente aos currículos (muitas vezes alheios à realidade por não privilegiarem os educandos ou por torná-los meros reproduzidores), para que assim tenhamos em consequência a concatenação de um trabalho no mínimo digno e desprovido de demagogia.

É fundamental que os professores que trabalham e ensinam a língua portuguesa aliem conhecimentos lingüísticos à sua formação. Venho refletindo sobre como as produções escritas de nossos alunos – sejam textos livres ou redações orientadas – têm sido avaliadas. Lamentavelmente constato que, em face de tantas incoerências de certos professores, a produção textual é muitas vezes cerceada por aqueles que se consideram verdadeiros avaliadores, que estufam orgulhosamente o peito para afirmar bobagens concluídas após delimitarem o foco de atenção na mediocridade da informação periférica, subvertida numa visão meramente gramatical e pseudo-educativa.

É preciso mudar essa postura, mas antes de tudo é preciso repudiar a intolerância não da gramática, mas dos que se fazem dela meros escravos e fazedores de reproduzidores de palavras, sem o menor embrião de criticidade e ideologia. Em outras palavras, ensinar português é, sobretudo, interagir no processo de leitura e produção de textos, é ter um compromisso com a realidade e as necessidades do aluno, sem que para tal seja preciso constituir um palco em que o professor tome para si o papel de um pretensioso protagonista. Até porque na verdade ele não o é e, se esta consciência não for mudada, que pais estaremos deixando para os nossos filhos? ■



**Alex Swander**

professor do ensino fundamental na E. M. Fernando de Azevedo, Mestre em Letras, especialista em Língua Portuguesa, doutorado em Science of Language



# Dengue: prevenir é essencial

Combate à doença tem de ser feito o ano inteiro para evitar epidemias

Durante todo o ano, milhares de cariocas aguardam ansiosamente a chegada do verão, sinônimo de sol, praia, férias e diversão. Mas a estação é também a época em que prolifera o vírus da dengue, doença infecciosa com alta incidência em áreas tropicais e subtropicais, como o Brasil. Como a prevenção é o melhor remédio, a prefeitura do Rio tem investido em diversas ações de conscientização da população sobre os riscos da doença. O trabalho vai desde a produção de material informativo, disponível no *site* da Secretaria Municipal de Saúde, até a organização do Dia D, data que mobiliza todo o país no combate à dengue.

O vírus que provoca a doença é transmitido pelo *Aedes aegypti*, mosquito com hábitos diurnos, encontrado no perímetro urbano, dentro ou fora de casas e apartamentos, em qualquer recipiente que acumule água limpa, como pneus, vasos, garrafas, latas, caixas d'água e cisternas. Sua aparência é marcante – ele é mais escuro que o pernilongo e tem listras brancas no corpo e nas patas. Hoje, o *Aedes aegypti* se reproduz em mais de 3.600 municípios brasileiros, principalmente nas regiões Nordeste e Sudeste.

Embora tenha sido erradicado diversas vezes no Brasil, o *Aedes aegypti* reapareceu em 1976 em Salvador, na Bahia. Detectado no ano seguinte no Rio, não foi eliminado até hoje. Desde a década de 1980, as epidemias são constantes por aqui, o que dá à dengue a classificação de doença endêmica no país. Entre 1986 e 1987, foram registrados cerca de 90 mil casos da doença. Fato semelhante se repetiu em 1990-91, quando aproximadamen-

te 100 mil pessoas foram infectadas. Outra epidemia, no início de 2001, teve registrados cerca de 20 mil casos. A pior e mais recente aconteceu entre dezembro de 2001 e abril de 2002, quando foram relatados mais de 140 mil casos de infecção. No ano de 2005, até o mês de outubro, registraram-se menos de 400 casos. Em todo o mundo são relatados entre 50 e 100 milhões de vítimas da doença por ano.

Existem quatro tipos de vírus que causam a infecção. Os tipos 1, 2 e 3 já foram detectados em todo o território nacional. A dengue 4, até hoje, só apareceu na região Norte. Ao ser infectado por um tipo de vírus, um indivíduo fica imune a novas infecções. Nada impede, no entanto, que se contamine pela exposição a algum dos três vírus restantes. Por isso, pode contrair a dengue até quatro vezes.

Mas não basta ser picado pelo mosquito transmissor para ficar doente. O inseto precisa picar uma pessoa que já esteja infectada e, com o vírus multiplicado dentro do organismo, contaminar alguém que ainda não tenha contraído a enfermidade. Além disso, somente a fêmea do *Aedes aegypti* é transmissora do vírus. Os sintomas da infecção são febre alta, dor de cabeça, nos olhos e nas juntas, falta de apetite, fraqueza, manchas avermelhadas, coceira e possivelmente vômito. Em certos casos, pode ocorrer sangramento na gengiva e no nariz. Normalmente, há melhora após quatro ou cinco dias, com cura total depois de cerca de 10 dias.

**Agravamento e choque** – A grande preocupação em relação à doença é a dengue ►

TEXTO

FÁBIO ARANHA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO



Além de combater os focos do mosquito, o agente de saúde informa a população sobre os riscos da doença

hemorrágica, sua manifestação mais grave, que corresponde a menos de 1% dos casos. Mas é um equívoco pensar que somente esta forma da doença representa ameaça à integridade física do indivíduo infectado. Enquanto muitos pacientes apresentam quadro de dengue hemorrágica sem qualquer gravidade, a dengue clássica também pode conduzir à forma grave da enfermidade e até levar à morte. Na epidemia de 2002, por exemplo, a maior parte dos óbitos no Rio teve como causa a dengue clássica. Os sinais de agravamento – tonteira, queda de pressão acentuada, vômitos em seqüência e dor abdominal intensa e contínua – aparecem nos três primeiros dias depois que a febre começa a baixar. O indivíduo que apresenta estes sintomas precisa ser levado com urgência a uma unidade médica para receber tratamento.

Ao contrário do que se acredita, a morte por dengue não decorre de hemorragia e, sim, do chamado choque hipovolêmico. A doença causa aumento da permeabilidade dos vasos sanguíneos, o que leva à perda de líquidos, provocando o choque. “Nossas veias são como um encanamento. Por elas, passam todos os nutrientes que correm no sangue. Eles são transferidos para os músculos e outros tecidos através de microporos. Por alguma razão, a dengue faz com que estes poros aumentem enormemente de tamanho. Dessa forma, além de saírem nutrientes, sai também todo o líquido que se acumula nos tecidos. Chega-se assim ao estado de choque hipovolêmico. É como se a pessoa tives-

se levado uma facada e sangrado até a morte”, explica a médica Cecília Nicolai, gerente da Vigilância Epidemiológica da Secretaria Municipal de Saúde (SMS).

Hoje, não existe vacina nem tratamento específico para curar a dengue. As recomendações são que o paciente beba muito líquido para evitar a desidratação e fique em repouso. Antitérmicos podem ser usados para atenuar a febre. “É muito difícil saber como a doença vai evoluir. Por isso, é importante que a pessoa procure o posto de saúde assim que aparecerem os primeiros sintomas”, enfatiza a médica Mônica Vieira Coelho, assistente da Superintendência de Vigilância em Saúde da SMS.

Caso não haja complicações, o tratamento é feito em casa. É necessário, no entanto, ter alguns cuidados. Medicamentos que contêm ácido acetilsalicílico, como AAS, Aspirina e semelhantes, podem aumentar o risco de sangramento e devem ser evitados. Outros remédios podem causar erupções na pele, como os que contêm dipirona, incluindo Novalgina e Dorflex. Por fim, antiinflamatórios também não devem ser utilizados, pois podem provocar efeitos colaterais como hemorragia digestiva e reações alérgicas.

**Medidas de prevenção** – A melhor forma de evitar a dengue é erradicar o mosquito. A SMS conta com agentes de saúde que visitam todos os bairros, casa a casa, para eliminar focos de proliferação. Além de identificar possíveis criadouros e coletar material para análise, eles ensinam os moradores a evitar a instalação do mosquito.

O *Aedes aegypti* se desenvolve em água parada. Em qualquer lugar onde haja acúmulo de líquido, portanto, há risco de surgir um criadouro. Os ovos do mosquito podem durar até um ano e não são eliminados com a simples remoção da água de um recipiente contaminado. É necessário limpá-lo com bucha ou escova para remover os ovos que podem estar grudados às paredes. Outros cuidados são: adicionar areia aos pratinhos de vasos de plantas, trocar com regularidade a água de vasos de plantas aquáticas e bebedouros de animais, manter



piscinas limpas e tratadas com cloro, tampar caixas d'água, guardar pneus, garrafas e vasilhames ao abrigo das chuvas, limpar as calhas e despejar água sanitária ou desinfetante em ralos onde haja água parada.

Os agentes também ficam atentos à existência de macrofocos, ou seja, áreas onde ocorre proliferação do mosquito. “Às vezes, há uma casa abandonada ou um terreno baldio com grandes criadouros. Se estes espaços não forem cuidados, de nada adiantarão os esforços dos vizinhos”, explica a médica Mônica Coelho.

**Educando a população** – A SMS organiza mutirões em comunidades, com a participação de instituições públicas e privadas, e com o apoio de escolas, associações de moradores e outras entidades locais. A Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana), por exemplo, higieniza as áreas de risco potencial. Empresas ou instituições que ocupam grandes espaços recebem treinamento específico e seus empregados passam a ser multiplicadores dos conhecimentos adquiridos durante o treinamento.

O trabalho de prevenção também é realizado o ano inteiro nas escolas, especialmente nas da rede municipal. Para isso, a SMS mantém um grupo de teatro, formado por agentes de saúde que encenam esquetes para os alunos. O objetivo é mudar o comportamento das crianças e de seus pais e alertá-los sobre os perigos e as formas de enfrentar a doença. A SMS também disponibiliza o vídeo educativo *Ambiente saudável* – fruto de parceria com a Secretaria Municipal de Educação (SME) e MULTIRIO –, para ser exibido nas salas de espera dos postos de saúde e nas escolas da Rede.

**Dia D** – A SMS participa ainda ativamente do dia da mobilização nacional contra a doença, o chamado Dia D, realizado no último dia 19. O dia é marcado por palestras, treinamento e distribuição de material informativo em praças públicas e escolas. Participam organizações não-governamentais (ONGs), colégios, associações comerciais e de moradores, empresas, jornais de bairro e rádios comuni-



Para a médica Mônica Coelho, a prevenção deve ser feita o ano inteiro

tárias, com ampla cobertura pelos principais veículos de comunicação do país.

Para a médica Mônica Coelho, o Dia D é importante pelo impacto que proporciona. É possível mobilizar a população e, conseqüentemente, eliminar um grande número de criadouros do *Aedes aegypti*. A escolha da data – normalmente em torno da terceira semana de novembro – é estratégica, pois funciona como preparação para o verão, estação mais propícia à proliferação do inseto. “Nosso papel é alertar as pessoas sobre os riscos, pois elas se esquecem dos cuidados e só vão se preocupar quando aumenta o número de casos ou, pior, quando começa a haver óbitos. O morador precisa se sentir co-responsável pela luta contra a doença. Não adianta pensar na dengue apenas uma vez por ano. É preciso fazê-lo todo dia”, ressalta.

A médica acrescenta que sem a participação da sociedade qualquer iniciativa de combate à doença está fadada ao fracasso. “A Secretaria de Saúde sozinha não dá conta da dengue, pois somos quase 6 milhões de pessoas no município do Rio. É fundamental que todos se unam para evitar o surgimento de criadouros e a proliferação do mosquito. É a única forma de controlar a doença”, afirma. ■

# Um esforço de class



— Por que não trouxe uma balinha? O conteúdo da fala do personagem da zebra, no desenho animado *Madagascar*, foi o motivo alegado pelo Ministério da Justiça (MJ) para elevar a classificação indicativa do filme de livre para inadequado a menores de 12 anos. Segundo técnicos do Ministério, o termo “balinha” poderia ser interpretado como alusão a comprimidos de *ecstasy*. A decisão foi alvo de protesto e de aplauso ao mesmo tempo, com argumentos que transitaram entre o repúdio ao exagero da interpretação e o louvor pelo cumprimento da lei. Polêmicas à parte, desde 1990 a prerrogativa de informar sobre faixas etárias e horários apropriados a espetáculos públicos é do Departamento de Justiça, Classificação, Títulos e Qualificação, um órgão do Ministério vinculado à Secretaria Nacional de Justiça. Amparada pela Constituição Federal e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, a classificação indicativa envolve a análise de obras audiovisuais em filme, vídeo, DVD, jogos eletrônicos, RPG, peças teatrais, eventos musicais e programas de TV. A Portaria 796, de setembro de 2000, estabeleceu alguns critérios de classificação para programas de TV. Para ampliar a compreensão sobre o tema, o MJ está promovendo audiências públicas em todo o território nacional com vistas à criação de uma regulamentação definitiva. As categorias indicativas, cuja base são os critérios previstos em lei – violência, sexo e drogas –, poderão passar por total ou parcial revisão.

# ificação e educação



Enquanto a discussão que envolve os critérios de análise dos programas de TV ganha corpo país a fora, o sistema já funciona para outros produtos audiovisuais. As faixas hoje utilizadas pela classificação indicativa na TV vão dos programas livres aos apropriados a idades de 12, 14, 16 e 18 anos. Em 2004 foi acrescida a faixa etária de 10 anos, mas somente para cinema, vídeo e DVD. Para receber a classificação indicativa, uma obra audiovisual passa por três fases distintas de análise.

A primeira é a da descrição factual, que registra relacionamentos e condutas, graus de nudez dos personagens, efeitos sonoros e visuais na obra, tipos de drogas e até armas utilizadas em cenas de violência. A fase seguinte é a da descrição temática, indispensável, já que o contexto das situações e abordagens utilizadas em uma trama ficcional pode suscitar questões relativas a discriminação racial e de gênero, direitos da criança e do adolescente, direitos do idoso, liberdade de expressão etc.

Terminadas essas duas fases, a obra é analisada à luz dos princípios constitucionais que regem a comunicação social no país, tendo sempre em conta que as manifestações culturais devem dar preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas, respeitando valores éticos e sociais. A etapa final é a da gradação, realizada a partir das conclusões obtidas nas fases anteriores. Essas informações é que irão nortear a inclusão da obra em uma das seis faixas de classificação hoje em vigor.

Toda classificação atribuída pelo Ministério da Justiça a uma obra audiovisual é publicada no *Diário Oficial* da União, onde consta também uma apresentação resumida do grau de intensidade das cenas que envolvem violência, sexo e drogas. Há um comprometimento do MJ em identificar os temas das cenas de maior impacto – como violência doméstica, prostituição infantil e tortura –, a fim de envolver a sociedade na discussão de temas caros aos valores democráticos. ▶

TEXTO

HUGO RC.SOUZA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

Segundo José Eduardo Romão, diretor do Departamento de Justiça, Classificação, Títulos e Qualificação da Secretaria Nacional de Justiça, um sistema de classificação indicativa significa muito mais do que a obrigação do Estado, o dever da União de informar os pais e proteger crianças e adolescentes dos produtos audiovisuais de baixa qualidade. Para ele, trata-se de um esforço educativo. “É necessário articular uma rede de classificação indicativa que tenha nos educadores o seu epicentro. Estamos tentando vincular o tema da classificação a processos pedagógicos, através do diálogo com instituições e entidades que trabalham com educação”, diz.

**Audiências e consulta** – Desde o dia 30 de setembro o MJ está promovendo audiências públicas sobre a regulamentação do sistema de classificação indicativa para programas de TV nas cidades de Brasília, Rio Branco, Belo Horizonte, São Paulo, Porto Alegre, Recife e Rio de Janeiro. No dia anterior às audiências e no dia seguinte a elas são realizadas discussões com educadores em escolas públicas municipais.

Os debates têm reunido entidades ligadas à comunicação social, cidadãos comuns, juízes,

promotores, professores, estudantes, representantes de emissoras de radiodifusão e de universidades. Para o diretor do Departamento de Justiça essas audiências serão decisivas para a formatação do sistema, principalmente depois da repercussão que tiveram as duas primeiras, quando o processo ganhou a mídia e virou notícia. O número de interessados se multiplicou e os debates se intensificaram de tal forma que vieram à tona demandas que de certo modo até fogem do âmbito do projeto. “Publicidade dirigida à criança, por exemplo, foi um tema levantado, apesar de ser uma questão que não entra na nossa regulamentação. Não esperávamos que o processo pudesse se desdobrar com tanta ênfase, com as pessoas comparecendo para discutir, debater e questionar o Estado”, avalia.

Até o final de novembro, que é o prazo para o fim das audiências, será elaborada a proposta de critérios indicativos para a TV. Em janeiro de 2006 o texto da nova regulamentação deverá ser concluído e a previsão é de que a lei entre em vigor a partir de março. Como os critérios adotados para a classificação indicativa – violência, sexo e drogas – já estão fixados em lei, todo o trabalho que está sendo desenvolvido pelo MJ é um esforço para aprimorar a sua aplicação.

## Audiência pública com participação da MULTIRIO

A expectativa de José Eduardo Romão(foto) era de que os debates em torno da audiência no Rio de Janeiro, no dia 10 de novembro, fossem o ápice do processo, já que a cidade reúne grande número de entidades de pesquisa, ONGs e instituições públicas que vêm produzindo comunicação sobre o tema, como a MULTIRIO. Além disso, ele avalia que há anos a cidade inclui na agenda da educação o tema da mídia e da qualidade da educação. “O debate já existe. E o Ministério da Justiça quer se associar ao debate travado pelos educadores do Rio de Janeiro. Precisamos mobilizar esses educadores para dar seguimento a um processo já em andamento no Rio”. Cerca de 60 pessoas compareceram à audiência pública na cidade. Além de Romão, participaram a secretária Nacional de Justiça, Cláudia Chagas, e a presidente da MULTIRIO, Regina de Assis. O evento, que aconteceu na sede do Ministério Público Estadual, foi o sexto realizado no país. Foram muitas as questões levantadas durante o debate, entre elas a classificação de programas jornalísticos, a publicidade na TV – temas que fogem da área de atuação da classificação – e questionamentos a respeito das faixas etárias.





Alunos da E.M. Presidente Costa e Silva conheceram o questionário elaborado pelo Ministério da Justiça

Outra vertente do processo é a consulta pública que foi deflagrada pelo MJ em 19 de setembro. Até o último dia 8, o MJ já havia contabilizado cerca de 8.700 questionários respondidos, dos quais 5.774 aplicados em escolas. A expectativa era receber 20 mil contribuições, mas, de acordo com Romão, esse número deverá ser superado quando o prazo final se esgotar. A consulta consiste em um questionário com nove questões de múltipla escolha sobre as especificidades do tema, cuja avaliação ajudará a definir os princípios norteadores da consolidação do projeto. O questionário, disponível no *site* do MJ, poderá ser respondido por qualquer cidadão, por correio eletrônico ou convencional.

A consulta abrange desde a inclusão ou não da faixa etária de 10 anos nas recomendações para programas de TV até perguntas sobre em que momentos, durante esses programas, deverão ser exibidos símbolos e informações de classificação indicativa. Outra questão diz respeito ao horário de proteção à criança e ao adolescente na TV. O Ministério pergunta à população se o horário atual, entre 6h e 20h, deve ser alterado para alternativas que variam entre 6h e 23h. Há ainda uma consulta sobre a natureza dos símbolos a serem utilizados quando a classificação entrar em vigor. Outra pergunta é se esses

avisos deverão aparecer apenas em imagem, em imagem e som, ou em imagem, som e linguagem de sinais ao mesmo tempo.

A necessária participação nas duas frentes abertas pelo Ministério da Justiça<sup>1</sup> visando ao aprimoramento dos critérios de classificação indicativa para a TV não quer dizer, porém, que para a escola esta discussão se encerra nesse processo institucional. Pesquisas indicam que as crianças brasileiras dedicam cerca de três horas por dia à televisão e no mínimo quatro, à escola. A sala de aula não pode, portanto, abrir mão de encarar as formas e os conteúdos televisivos como partes integrantes da experiência humana e como organizadores dela. A TV deve ser vista não como concorrente da escola, mas como veiculadora de elementos muito presentes na vida de crianças, adolescentes e adultos. ►

<sup>1</sup> O Departamento de Justiça e Classificação Indicativa está com inscrições abertas para interessados em participar de uma rede de colaboradores voluntários. Os selecionados serão periodicamente convidados para atuar em grupos externos de análise das obras audiovisuais. Para se candidatar a uma vaga é preciso preencher um formulário disponível na internet e enviá-lo junto com currículo para o e-mail [djctg.snj@mj.gov.br](mailto:djctg.snj@mj.gov.br), ou pelo correio para o endereço Esplanada dos Ministérios, Bloco T, Anexo II, sala 319, 70064-901 Brasília-D.

**Mídia, Estado e sociedade** – O questionário abre com uma pergunta sobre a natureza conceitual e as consequências práticas do processo de aperfeiçoamento da classificação: “Na sua opinião, a classificação indicativa pode ser explicada como: A – Serviço de informação de caráter pedagógico sobre o conteúdo da programação televisiva; B – Instrumento de controle da qualidade da informação e de defesa dos direitos humanos; C – Censura da programação televisiva; D – Outra”.

A princípio, algumas das alternativas não são nem mesmo auto-excludentes – na verdade não se trata de uma prova, onde é possível errar ou acertar. Mas todas remetem a um tema fundamental, que transcende a classificação indicativa em si: o papel das concessões públicas numa sociedade de

mercado e as possibilidades de regulação dos produtos audiovisuais produzidos num contexto de disputa de audiência – um tema cujo debate não pode abrir mão dos valores da democracia e da liberdade como seus princípios fundamentais.

José Eduardo Romão é enfático: “Não é controle da programação. A classificação indicativa oferece aos pais um conjunto de informações metodologicamente produzidas. É uma recomendação e um incentivo à discussão de temas relevantes. E trata-se de um decreto. Vai haver o cumprimento por parte das emissoras. É possível garantir que as pessoas receberão uma classificação dos conteúdos divulgados, uma informação consistente produzida pelo Estado, de acordo com o papel que lhe cabe. Nos-

## Os critérios de qualidade na seleção dos programas

POR MÔNICA RODRIGUES DA COSTA E PAULO PEDRO P. R. DA COSTA \*

Há quanto tempo o educador brasileiro consciente reivindica a melhoria da qualidade da TV no Brasil? No jornal *Opinião* de 10 de outubro de 1975, Mário Steiner, em artigo sobre televisão, já é sugestivo desde o título: “O pirulito mecânico – Clique! 114 assassinatos, 128 assaltos, 49 mortes, nove raptos, dois suicídios, seis torturas físicas e uma agressão a cada seis minutos. Clique!”. A análise assusta porque, mesmo sem fazer estatística dos episódios de agressão nos noticiários, desenhos animados, filmes e novelas, deixa visível, como num espelho da alma nacional, que hoje a realidade é a mesma, ou talvez um pouco pior, se considerarmos a eficiência da transmissão de TV ao vivo, via satélite, de todas as tragédias e oriundas de qualquer canto do nosso sofrido planeta.

Já faz parte do senso comum o reconhecimento de que essa exposição precoce à violência está associada ao aumento da frequência de interações agressivas ou é responsável, co-determinante da gravidade das lesões provocadas por crianças e menores de 18 anos. O senso comum chama esse fenômeno de “banalização da agressão”, ou seja, há uma anulação da carga de dor e sofrimento que um soco, um chute, uma ofensa verbal ou uma guerra produzem. Na TV, pode-se socar sem luvas e não quebrar os ossos da mão ou destruir o rosto dos adversários.

Efeito semelhante sofrem as crianças durante sua exposição às cenas sobre a vida sexual dos adultos. Será essa a causa do aumento na frequência da gravidez na adolescência? O que se pode esperar se estivermos suprimindo o que a psicanálise denomina fase de latência (período em que a expressão da sexualidade está sublimada, após a descoberta do próprio sexo e da origem dos bebês entre cinco e 12 anos de idade) na evolução da sexualidade infantil? Um maior número de perversões e neuroses de caráter... em vez de... neuroses histéricas e obsessivas?

O que deve fazer um educador com compromisso existencial com a justiça e o bem comum, para todos? Neste breve comentário, seus autores propõem discutir não uma intensificação da censura das mídias da TV aberta e da internet e, sim, a falta de estímulo por parte da mídia em divulgar trabalhos de qualidade – mesmo que não sejam sucessos midiáticos –, como poesia e teatro.

É quase criminosa, por parte da mídia, a ausência de programas com excelência, com o mesmo borderô do *Fantástico*, sobre obras de arte que questionem os valores éticos, religiosos e morais – são elas que formam, melhor que o *Big Brother*, o senso crítico sobre normas e valores que a própria cultura impõe. É gritante a falta de contadores de mitos indígenas e pretos, ao pé da fogueira, que, com suas sucessivas variantes do mito de origem,



so esforço é para produzir uma legislação que faça sentido. Além do controle do Estado, existe um controle da sociedade”.

Para ele, é inevitável que se forme na sociedade a impressão de que o Estado está a exercer o seu poder de censura, mas a regulamentação está nos limites da Constituição federal. Normas constitucionais e participação dos mais diferentes interesses no debate são as garantias de um processo democrático. “Não discutimos somente com pessoas que defendem a moral e os bons costumes, discutimos com toda a sociedade. Há tantos interesses nesse processo que o que de fato garante a qualidade do resultado final é a participação. O Estado não quer pensar por todos nem tampouco imaginar o que todos pensam”.

Romão acredita que o público ficará mais seletivo e poderá aprimorar o modo de ver o conteúdo da programação de TV, tendo a seu dispor um instrumento que aponta a alta e a baixa qualidade dos produtos audiovisuais: “Embora a classificação se restrinja a descrever inadequações, ela sugere ou identifica, por consequência, critérios ou padrões de qualidade nessa programação. Certamente o público, ao dispor de uma informação sobre inadequações, saberá selecionar melhor. A expectativa é que o Ministério da Justiça reúna, com sucesso, num primeiro momento, informações sobre inadequações e, num segundo, que a gente possa fixar padrões de qualidade para programações de qualidade junto com ONGs e com instituições do Estado”.

Na imensa maioria das questões conflituosas da vida os consensos são no mínimo ►

#### SAIBA MAIS

Ministério da Justiça  
([www.mj.gov.br/classificacao](http://www.mj.gov.br/classificacao))  
Riomídia  
([www.riomidia.com.br](http://www.riomidia.com.br))

## mas infantis

recriam seus costumes, sugerem novas formas de organização social.

Ou seja, não basta a nós dizer que a mídia está impregnada de apelos abusivos ao sexo, violência e o consumismo excessivo, impostos goela abaixo pela carga massiva de propagandas com um único objetivo: promover a qualquer custo o lucro de empresários sem se importar se o produto vendido são cigarros que causam câncer, bebidas que viciam, doces cariogênicos que distorcem a tênue orientação nutricional que a maioria das crianças recebe em sua casa ou escola.

O dilema moderno de quem se propõe a criticar o conteúdo da mídia para as massas é formular as necessárias perguntas anteriores à discussão: quais os critérios de qualidade e quem os determina, o dono da emissora ou o dinheiro dos anúncios? O que é a ética da informação? Qual a necessidade da arte?

Um caminho seguro para essas respostas é a revisão constante da formação cultural da nação. Não deveríamos nos afastar da preservação das culturas formadoras de nossa nacionalidade. Reconhecer os erros de um passado escravagista e usurpador de terras indígenas. Ter consciência e ética para devolver a pretos e índios o que os europeus retiraram deles, promovendo,

intensificando mecanismos de reparação social. Na esfera da produção cultural, promover a equidade na expressão dos valores e contribuições de cada cultura, ameríndia, africana, europeia (portuguesa, italiana, alemã) e asiática.

Outro caminho, que já foi mais seguro quando tínhamos crença na verdade científica, mas é ainda válido, são os programas sobre ciência, e/ou orientados pela psicologia e psicanálise, que têm recomendações para o desenvolvimento infantil saudável.

Em princípio, a atenção do educador tem que ser ampliada, tem que envolver o esforço para compreender os determinantes ideológicos, os interesses escusos, ocultos no que se promove como saudável e como lazer na televisão.

\* Mônica Rodrigues da Costa é doutora em comunicação e semiótica, professora de comunicação social nas Faculdades Jorge Amado, em Salvador, foi editora da *Folhinha*, caderno para crianças da *Folha de S. Paulo* de 1987 a 2004 e é editora de *A Tardinha*, do jornal baiano *A Tarde* desde agosto de 2005.

Paulo Pedro P. R. da Costa é psicólogo na Apae – Camaçari, sanitarista, poeta e autor de livros e sites infantis como *Os Segredos do Macaco* e *Tubarão Feroz, o Mestre do Mar*.



A equipe do MJ realizou palestra para alunos de escolas do município do Rio

suspeitos. Em contrapartida, quando se fala em legislação e regulamentação por parte do setor público, um mínimo de consenso é o ponto de partida para que as instituições funcionem em prol da cidadania. Ao mesmo tempo em que é impossível abrir mão dos desejos e individualidades – de especificidades que tornam a natureza humana algo ambíguo e encantador – é também difícil imaginar a necessária organização da vida pública pelo Estado sem um processo democrático de discussão

cuja finalidade última seja a garantia de que desejos e individualidades continuem a ser respeitados. A TV não é boa nem má; é uma realidade. Sua programação balizada pela lógica da concorrência e da disputa de audiência é um fator histórico, uma produção humana. Lidar com isso de forma responsável não significa permanecer de dedo em riste à procura de heróis e vilões; significa tentar interferir no âmbito das idéias. O Estado parece estar fazendo a sua parte ao transformar idéias exaustivamente discutidas em regulamentação. A escola precisa participar desse processo, dar seguimento a ele e entender a sala de aula como o local por excelência para onde convergem os temas caros à vida comum, e ao futuro.

## Questão importante em todo o mundo

A maneira de regulamentar a programação de TV assume características variadas nos diferentes países, de acordo com as especificidades de cada um. Nos Estados Unidos vigora o V-Chip, um mecanismo de classificação pelo qual as próprias emissoras ficam encarregadas de produzir as informações dirigidas aos pais, que são representados através de uma comissão que fiscaliza o processo de avaliação. Na Argentina a supervisão de conteúdos veiculados é feita pelo Comitê Federal de Radiodifusão, formado por representantes das Forças Armadas, Secretaria de Informação Pública e Secretaria de Comunicação. Balizado por critérios relacionados ao horário de proteção ao menor, o sistema funciona através de multas por faltas leves ou faltas graves relativas a descumprimentos por parte das emissoras. Na Austrália há uma parceria entre as emissoras e uma agência governamental, que resultou num detalhado sistema de classificação indicativa, particularmente cuidadoso com a programação dirigida a crianças com idades abaixo de 14 anos, com recomendações específicas a crianças que estão no ensino fundamental ou em idade pré-escolar. Já a Suécia tocou diretamente na questão da publicidade: proibiu totalmente qualquer anúncio dirigido a menores de 12 anos.

No encarte *Giramundo*, desta edição, está a íntegra do questionário da classificação indicativa para ser respondido pelos professores da Rede Municipal. Além de ser uma questão que precisa estar sempre presente na sala de aula, participar da consulta pública promovida pelo Ministério da Justiça é uma contribuição indispensável ao debate de um tema que afeta pais, alunos e professores. É uma forma também de o Rio de Janeiro mostrar sua força como pólo de discussão das questões relativas à infância e adolescência. O MJ espera uma contribuição valiosa dos professores da cidade. Responder a consulta e estar atento ao prazo é uma maneira de não decepcionar. ■

## Uma TV mais responsável e conseqüente

Paulo José Cunha tem uma longa história de envolvimento com a TV brasileira. Tudo começou de forma inusitada: para conseguir ingressar no curso de jornalismo, que não existia no Piauí, onde morava, Paulo escreveu uma carta à então primeira-dama da República e foi atendido. Foi para a Universidade de Brasília (UnB), onde se formou, e seguiu carreira notável. Trabalhou como repórter da TV Globo, esteve à frente do Centro de Produção de Cinema e Televisão da UnB e hoje dirige a TV Câmara. Para ele, o sistema de classificação indicativa é “uma oportunidade de resgatar a TV como veículo formador – não deformador – de valores”. Uma visão contundente, nem sempre de acordo com interpretações que se prezam por não separar as coisas em extremos opostos

### Por que um sistema de classificação indicativa é importante hoje no Brasil?

Porque o impacto de imagens e palavras relativas a sexo ou violência varia com a idade e pode deixar traumas incorrigíveis. A indução à sexualidade precoce, por exemplo, é muitas vezes produto da exposição da vítima a cenas de sexo, propiciando a banalização do tema.

### Os critérios que orientam a classificação por sexo e violência são corretos? A questão dos preconceitos, por exemplo, não deveria estar presente?

Sim, são corretos. Manifestações preconceituosas devem ser simplesmente banidas dos meios de comunicação. Mas seria ridículo fixar uma hora a partir da qual o receptor pudesse assistir a cenas explícitas de preconceito racial, sexual ou religioso.

### De que forma as consultas e audiências públicas realizadas país a fora podem contribuir para o aperfeiçoamento do sistema?

O debate, por produzir a reflexão e o aprofundamento do tema, é capaz de ajudar na definição da opinião e pode ajudar a aperfeiçoar a idéia. Alguns cuidados são essenciais, porém. Considerando-se as dimensões continentais do Brasil e o fato de que é um dos poucos países onde coexistem dois fusos horários, é preciso regulamentar com muita atenção as transmissões que abrangem todo o território nacional, para evitar que uma criança do Acre, por exemplo, assista às 9 da noite a programação liberada no restante do país para entrar no ar à meia-noite, como eu próprio testemunhei em Rio Branco.

E este é apenas um dos cuidados que precisam ser tomados, existem outros.

### Quais as perspectivas de impacto da classificação nas programações dos canais de TV?

Do ponto-de-vista dos detentores dos canais, as perspectivas não são boas, claro. Vão perder audiência – em outras palavras, vão perder anunciantes – pela impossibilidade de transmissão de conteúdos impróprios a determinadas faixas de idade, com o que atraíam uma bela fatia de público aficcionada por cenas de violência ou sexo. Em compensação, a televisão brasileira se tornará mais responsável e conseqüente, e a sociedade terá uma chance de resgatar a TV como veículo formador e não deformador de valores, como tem se comportado em diversas e conhecidas ocasiões.

### Como implementar um sistema de classificação indicativa sem cair nas armadilhas do politicamente correto e dos falsos moralismos?

Debate, debate, e debate. Oitiva de especialistas. Oitiva de organizações da sociedade civil. Oitiva de autoridades do setor. Oitiva de representantes de entidades religiosas, sem o compromisso de sujeição aos seus cânones, mas na busca de um consenso ou média de opiniões capaz de levar à mais democrática e justa decisão a respeito. E um exame minucioso das condições geográficas do país, para que não se cometam erros por afrouxamento ou excesso de rigidez da norma adotada.

# Compromisso fora de hora

Cerca de 83 mil meninas de 10 a 14 anos de idade engravidaram entre 2001 e 2003

Normalmente associada às idéias de questionamento, conflito e crise, a adolescência é um período de profundas transformações físicas e psicológicas. Em alguns anos, passa-se da descompromissada infância ao exigente mundo adulto, com a adoção de comportamentos e escolhas que podem repercutir durante a vida inteira. Para muitas adolescentes, este delicado momento de transição ganha tons ainda mais decisivos. Das brincadeiras de boneca, elas fazem uma viagem sem escalas para os compromissos com fraldas, mameadeiras e as atenções requeridas por uma criança recém-nascida. Entre 2001 e 2003, nasceram no Brasil cerca de 2 milhões de crianças filhas de jovens entre 15 e 19 anos de idade. Outras 82.834 meninas foram mães entre os 10 e os 14 anos<sup>1</sup>. O tema da gravidez na adolescência merece atenção e requer da família, da escola e da sociedade uma abordagem informativa, ampla e inclusiva, livre de preconceitos e moralismos. “O problema é como interpretar os números. O significado nem sempre é a falta de informação”, destaca Regina Novaes, secretária nacional da Juventude.

O Ministério da Saúde define a adolescência como o período que vai dos 10 aos 19 anos de idade. Na faixa dos 15 aos 19, a gravidez e as dificuldades dela decorrentes já se transformaram na terceira causa de óbitos entre as mulheres, atrás apenas de acidentes de trânsito e homicídios. Boa parte das complicações, no entanto, poderia ser evitada caso as jovens procurassem atendimento médico logo no início da gravidez – o que raramente acontece, em função da vergonha e do medo da reação dos pais<sup>2</sup>. Segundo a médica Maria de Fátima Goulart Coutinho, gerente do Programa de Saúde do Adolescente da Secretaria Municipal de Saúde, as adolescentes grávidas devem fazer pelo menos nove consultas pré-natais, três a mais que as gestantes maduras. “Como estão em fase de crescimento, elas têm necessidades mais acentuadas de saúde”, justifica<sup>3</sup>.

Maria de Fátima coordena o projeto Horizontes, voltado à sensibilização dos profissionais de saúde do município quanto às necessidades específicas das adolescentes grávidas. Outro foco do programa é a prevenção da segunda gravidez, através da conscientização das jovens sobre as conseqüências da maternidade precoce. “Na maioria dos casos, o intervalo entre uma gravidez e outra é muito curto”, ressalta ela. Capacitar profissionais da saúde e da educação para lidar com o assunto é objetivo também da ONG Centro de Educação Sexual (Cedus), que defende a inclusão do tema na escola em sentido muito mais amplo que o da simples orientação sexual. “É preciso discutir sentimentos, projetos de vida, a auto-estima e a inserção social”, exemplifica a psicóloga Regina Mello, especialista em sexualidade humana.

**Informação e reflexão** – De fato, nem tudo é falta de informação no universo da gravidez na adolescência. Atualmente, vários especialistas concordam que boa parte dos jovens tem acesso às informações sobre métodos contraceptivos e doenças sexualmente transmissíveis, mas ainda falta um debate amplo sobre assuntos que transpassam a sexualidade e a juventude, como a afetividade, as questões de gênero e, até, a entrada no mercado de trabalho e as perspec-

<sup>1</sup>Dados sobre a gravidez em adolescentes fazem parte de três estudos em fase de conclusão: *Saúde Brasil 2005*, do Ministério da Saúde, *Juventudes brasileiras* e *Juventudes e sexualidade*, da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco).

<sup>2</sup>O episódio “Menino ou menina?”, da série *Presente do futuro*, produzida pela MULTIRIO, mostra a apreensão da jovem grávida diante da reação dos pais, fruto de um relacionamento difícil e sem diálogo aberto.

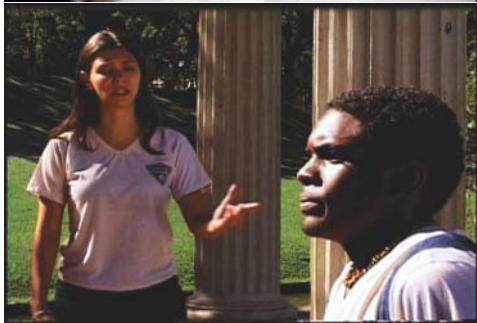
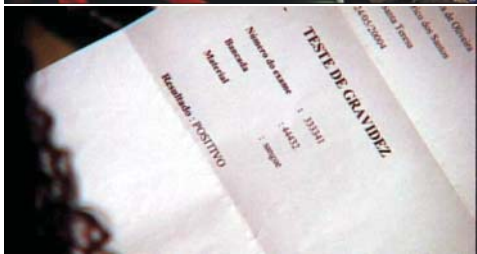
<sup>3</sup>Parceria das secretarias municipais de Saúde e de Educação, o projeto Sinal Verde permite que os educadores encaminhem jovens para o atendimento prioritário na rede municipal de saúde. Nos casos de suspeita de gravidez, a ação do projeto facilita o diagnóstico precoce e o acesso da jovem às consultas pré-natais.

## TEXTO

RENATA PETROCELLI

## IMAGENS

REPRODUÇÃO DO EPISÓDIO  
MENINO OU MENINA, DA SÉRIE  
PRESENTE DO FUTURO



tivas para o futuro. “É preciso elevar o nível do debate, saindo do aspecto meramente sanitaria e falando dos significados físicos, biológicos e sociais de um filho na vida de um adolescente”, opina Regina Novaes<sup>4</sup>.

Um espaço onde o adolescente possa ouvir e ser ouvido, falando de suas angústias, necessidades e dúvidas e recebendo orientações que quebrem tabus e preconceitos relacionados à sexualidade. É justamente esta a proposta dos Núcleos de Adolescentes Multiplicadores, atualmente presentes em 96 escolas do município, reunindo, cada um, de 25 a 30 alunos de 5ª a 8ª séries. Quando o assunto é gravidez, a orientação da equipe dos Núcleos é contemplar aspectos relacionados à informação, aos direitos e à acolhida. “Tentamos contribuir para o fortalecimento da auto-estima das jovens grávidas, fornecer informações necessárias para que seus direitos sejam atendidos e favorecer o acolhimento na unidade escolar”, exemplifica Márcia Vinchon, supervisora do Programa de Orientação Sexual e Prevenção do Uso Indevido de Drogas, do qual os Núcleos fazem parte.

Garantir a permanência da jovem no ambiente escolar é essencial para que a gravidez precoce não perpetue um ciclo de exclusão, dificultando a inserção social e o acesso ao conhecimento e ao mercado de trabalho. Dai a importância de uma abordagem cuidadosa por parte dos professores e da escola. Se a gravidez for vista por ângulos moralistas ou sensacionalistas, o afastamento é uma consequência quase certa. Nesses casos, o que já representa a perda de uma fase importante da vida passa a significar também uma verdadeira sentença de privação de direitos – o direito à educação, ao trabalho, à perspectiva de um futuro digno e, conseqüentemente, às condições de criação dos filhos num ambiente salutar e promissor.

Para a antropóloga Maria Luiza Heilborn, coordenadora do Centro Latino-americano em Sexualidade e Direitos Humanos da ▶

<sup>4</sup>Pais adolescentes, embora não sofram conseqüências físicas, passam por problemas sociais e psicológicos semelhantes aos enfrentados pelas jovens grávidas, em função das exigências de responsabilidade que a criança representa.

#### SAIBA MAIS

A MULTIRIO já produziu diversos programas que abordam as questões relativas à gravidez na adolescência. Entre eles, “O que é ser pai na adolescência”, da série *Rio, a cidade!*, exibido em 2002, e “Pai adolescente, mãe adolescente”, da série *Abrindo o verbo*, exibido em 2003.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), esta é uma das mais importantes contribuições da escola na questão da gravidez na adolescência. “Tendo uma grávida na escola, faça de tudo para ela ficar. Não estigmatize”, recomenda. Maria Luiza é uma das coordenadoras de uma pesquisa conhecida como *Gravada* (ver box). Um dos dados mostra que no Rio de Janeiro 19% das jovens grávidas abandonaram completamente os estudos, enquanto 22% passaram um período afastadas, mas voltaram a estudar mais tarde. O percentual maior, no entanto, compreende jovens que já estavam afastadas da escola: 53%.

## Retrato em números

A pesquisa *Gravidez na adolescência: estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil* foi realizada pelas universidades do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Federal da Bahia (UFBA). Foram entrevistados 4.634 moças e rapazes das cidades do Rio de Janeiro, Salvador e Porto Alegre. Os jovens tinham entre 18 e 24 anos de idade, já que o objetivo da pesquisa era avaliar as conseqüências de episódios de gravidez na adolescência. Das entrevistadas, 1,6% engravidou antes dos 15 anos e 20,4%, antes dos 18.

A pesquisa aponta uma série de outros aspectos que merecem reflexão. Um deles diz respeito à natureza da relação que originou o filho. Entre as meninas, 60% disseram ter engravidado do namorado. Já para 71% dos rapazes a gravidez foi fruto de um encontro ocasional. Maria Luiza Heilborn vê nesses índices uma diferença crucial na forma como meninos e meninas encaram os relacionamentos. “Os rapazes minimizam o vínculo amoroso. Neste sentido também o papel da escola é importante. É preciso conscientizar os jovens sobre as diferenças de gênero. Eles têm de conhecer o ponto de vista do outro sobre a relação”, opina.

**Problema social** – Números como estes mostram que é impossível tratar da gravidez na adolescência sem considerar questões sociais. As diferenças, também neste caso, são abissais. Dados da Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde (PNDS), de 1996, realizada pela ONG Bem-Estar Familiar no Brasil (Benfam), mostram que engravidam 54% das jovens entre 10 e 19 anos com baixa escolaridade, contra 6,4% das jovens da mesma faixa etária com mais de nove anos de estudo. As explicações para tamanha disparidade vão bem além do simples desconhecimento. Na verdade, o abismo se constrói nas diferentes perspectivas de vida que têm um e outro grupo. Camadas mais altas da população encaram a gravidez como uma escolha, enquanto para muitos desfavorecidos ela aparece como uma “saída”. “O método contraceptivo é apenas uma pontinha da prevenção. Não adianta conhecer e ter acesso aos métodos se as jovens desejam engravidar. Para muitas, é a ilusão de sair de casa, de encontrar um ambiente familiar adequado”, avalia a médica Maria de Fátima.

Regina Novaes tem opinião semelhante. “Nas camadas populares, há a visão do que a gravidez pode trazer de positivo: esperança, projeção para o futuro, chance de se recolocar no mundo. Muitas meninas se sentem valorizadas quando estão grávidas. Para os meninos, é uma afirmação da sexualidade”, ressalta. O problema, portanto, tem raízes profundas. Lidar com ele exige atenção ao ambiente que cerca os adolescentes, sensibilidade quanto a seus questionamentos e medos e, sobretudo, o abandono de qualquer tipo de preconceito. Os padrões de comportamento são outros, a virgindade deixou de ser tabu há um bom tempo, a mídia exalta o jovem erotizado, de corpo perfeito e formas cuidadosamente trabalhadas. Mas as condições de reprodução social não evoluíram na mesma proporção. Quaisquer trabalhos que favoreçam a inclusão e quaisquer debates que levem em conta as necessidades físicas, psicológicas e sociais dos jovens cumprirão o seu papel na abordagem do problema da gravidez na adolescência. “Só chegaremos ao ideal quando todos puderem tratar a gravidez como escolha, fruto de reflexão e planejamento”, conclui a secretária nacional da Juventude. ■

# Um remédio na dose certa

FOTOS: ALBERTO JACOB FILHO



O Hospital Geral de Bonsucesso é uma das 11 unidades da Rede que oferecem a classe hospitalar

Fase difícil na vida de qualquer criança, as internações em hospitais podem ganhar tons menos traumáticos a partir de um trabalho simples, mas extremamente importante. As classes hospitalares levam a rotina escolar para dentro das unidades de atendimento médico, amenizando a dor e a ansiedade causadas pelas doenças e lembrando aos pequenos pacientes que a vida continua durante e depois do tratamento. O trabalho é coordenado pelo Instituto Helena Antipoff, entidade responsável pela educação especial na Rede Municipal de Ensino. Atualmente, 11 unidades conveniadas oferecem o serviço na cidade do Rio de Janeiro.

As classes hospitalares funcionam como extensão da escola nos hospitais. As aulas são planejadas a partir de um tema e adaptadas de acordo com as condições de saúde de cada criança. No Hospital Geral de Bonsucesso, por exem-

plo, o atendimento pedagógico é dividido em três grupos: classe de pediatria, leito da pediatria e leito da ortopedia. As aulas seguem o calendário da Rede Municipal de Ensino e seu principal objetivo é que as crianças mantenham o contato com as atividades escolares. "Não conseguimos estabelecer um elo com a escola em que o paciente está matriculado, mas priorizamos a leitura, a escrita e as operações matemáticas. Se a criança tiver contato com estas áreas, pode dar continuidade aos estudos sem perder o vínculo com a escola", explica a professora Mônica Cristina Santos Moreira, que dá aulas no Hospital Geral de Bonsucesso.

Apesar da intenção de levar o mundo e a rotina da escola para os hospitais, a dinâmica do trabalho é bem diferente. Os professores devem estar preparados para lidar com a ►

fragilidade das crianças e motivá-las a participar. As estratégias priorizam atividades lúdicas, com auxílio de computador, jogos, textos, televisão, música, brinquedos e pinturas. O mais importante, no entanto, é o jogo de cintura, já que nem tudo acontece conforme o planejado. “Temos uma proposta educacional, mas, ao chegar ao leito, encontramos a cada dia uma realidade diferente. A criança pode estar animada, mas também pode estar debilitada, e precisamos encarar isso com naturalidade. O mais importante é dar a ela a oportunidade de pintar, desenhar, pensar e dizer: ‘eu sou criança’”, ressalta Rosane Conceição Loureiro da Silva, que trabalha há seis anos com educação especial. “Não adianta chegarmos aqui e impor um trabalho. Às vezes, tudo o que a criança quer é brincar”, completa Miriam Gerbis Lopes, professora do leito de ortopedia do Hospital Geral de Bonsucesso.

**Uma vitória diária** – O trabalho das classes hospitalares é desenvolvido com base no princípio de que a criança internada tem os mesmos interesses, sonhos e desejos de qualquer outra criança. Manter o seu contato com a orientação educacional motiva o retorno às escolas, ajuda a diminuir o tempo de internação e garante a integração à realidade fora do tratamento hospitalar. Thiago da Silva Daniels, de 9 anos, aluno da 3ª série da Escola Municipal Aldebaran, recebeu os primeiros atendimentos no leito da pediatria. Somente depois de quatro dias no hospital pôde participar das aulas na própria classe, com a ajuda de uma cadeira de rodas. “Com as atividades escolares, o tempo passa bem mais rápido”, garante Thiago, que só não consegue amenizar as saudades da escola e dos colegas de turma.

Os resultados podem ser conferidos nas reações de cada criança. Para os professores, a ansiedade dos pequenos pacientes pelas aulas e os sorrisos que surgem em suas faces em meio a dor e fragilidade valem a pena. “No início, causamos uma sensação estranha, porque as crianças acham que vão se livrar da escola por um tempo, mas no segundo ou terceiro dia elas esperam ansiosas pelas aulas”, ressalta Mônica.

A parceria com os pais é fundamental para o bom andamento do trabalho. “Nas classes hospitalares, as crianças estão mais fragilizadas e a presença dos pais é fundamental”, assegura Rosângela Monteiro de Aguiar Cavalcanti, agente de educação especial da 4ª CRE. Israel Silva, de 11 anos, aluno da 5ª série da Escola Municipal México, vai ficar internado no leito de ortopedia do Hospital Geral de Bonsucesso por no mínimo 15 dias. O motivo foi um tombo de bicicleta. As dores na perna machucada incomodam, mas as atividades da professora Miriam Gerbis divertem o menino. “Gosto de pintar e fazer os deveres, porque assim tenho alguma coisa para me distrair”, conta. A mãe de Israel, Josefa Maria de Lima, lamenta a internação do filho, mas garante que está satisfeita com o trabalho das classes hospitalares. “Assim ele não fica atrasado na escola, esquece que tem de ficar mais um tempo no hospital e volta a ser criança”, conclui Josefa. ■

As crianças internadas costumam esperar ansiosas pelo horário das aulas







# Magia, sonho e imaginação nas escolas da Rede

Um dia diferente, em que pais também foram às escolas e as aulas ganharam um sabor especial. Assim foi a 1ª Maratona de Histórias das Escolas do Município do Rio de Janeiro, realizada em 26 de outubro, com o objetivo de promover o hábito da leitura entre os alunos. Ao lado deles, familiares, professores, coordenadores pedagógicos e funcionários das unidades escolares passaram um dia inteiro contando e ouvindo histórias.

A iniciativa foi idealizada pela Diretoria de Mídia-Educação da Secretaria Municipal de Educação (SME), inspirada em três marcos do mundo da leitura que aconteceram em 2005: o Ano Ibero-Americano da Leitura, conhecido no Brasil como Viva Leitura, o bicentenário de Hans Christian Andersen, considerado o pai da literatura infantil, e o aniversário de 400 anos de Dom Quixote, personagem de Miguel de Cervantes. “A idéia foi bem simples: mobilizar todas as escolas em torno da contação e leitura de histórias, privilegiando não só a sala de leitura, como também as salas de aula,

o pátio, o recreio, os intervalos, enfim, todos os espaços e horários da escola. A intenção era que o ato de compartilhar histórias fosse vivenciado por toda a Rede”, explica Simone Monteiro, diretora de Mídia-Educação da SME.

**Criatividade** – Cada unidade escolar teve autonomia para programar suas atividades. Na Escola Municipal Pedro Ernesto, na Lagoa, a movimentação começou bem cedo. Recebidos com música, os alunos ganharam um livrinho de história com explicações sobre a maratona e as datas comemorativas que lhe serviram de inspiração. Nas salas de aula, ouviram narrativas e as transformaram em livrinhos ilustrados, expostos em murais. Além disso, assistiram a vídeos e leram contos infantis pela internet. “Neste mundo tecnológico, as crianças estão se afastando do livro. É importante que haja este resgate, mas sem deixar de lado outros tipos de mídia, como a internet, que são muito relevantes”, ressalta Karla Barrozo, professora da Sala de Leitura e de Música da escola. ▶

TEXTO

FÁBIO ARANHA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO



Gabriel Luiz Brito (esq.) e Antônio Marco de Abreu, alunos da E.M Pedro Ernesto, aprendem e se divertem na primeira Maratona de Histórias da Rede



A música deu o tom das atividades durante todo o dia. Cantigas de roda animavam o recreio e músicas que contam histórias, como *O pato* e *A casa*, de Vinícius de Moraes, e *Aquarela*, de Toquinho, eram cantadas por professores e alunos. O mais importante era incentivar a criatividade do aluno. “As histórias abrem um mundo mágico da imaginação e do sonho. A receptividade é enorme, eles adoram. Além disso, é ótimo para desinibir e incentivar a criança”, afirma Karla, que já tem planos para a próxima edição da maratona. “Queremos que os alunos escrevam suas próprias histórias, que pretendemos reunir em uma coletânea”.

**A espera do bis** – Animados, os alunos aprovaram o dia dedicado às histórias e ficaram com um gostinho de “quero mais”. Ana Paula Gonçalves, da 3ª série do ensino fundamental, quer que a iniciativa seja repetida no ano que vem. “Eu gostei muito de ler histórias na sala de aula e fazer exer-

cícios no computador. Aprendi várias coisas”, conta. O mesmo vale para Bernardo Bittencourt Costa, também da 3ª série. Suas atividades preferidas foram fazer o livrinho ilustrado e ouvir e cantar músicas. “Eu fiz uma história e desenhei os personagens, foi muito legal. Adorei as músicas também, principalmente a do pato. Foi muito divertido. Espero que aconteça de novo”, torce.

No que depender da Divisão de Mídia-Educação da SME, os alunos não perdem por esperar. A intenção é que a maratona se torne anual. Já para a próxima edição, a Divisão quer que os alunos participem da elaboração e da divulgação do evento, criando um símbolo para a maratona.

**Importância do livro** – Para Simone Monteiro, os resultados mais importantes da 1ª Maratona de Histórias são a reafirmação do livro como objeto cultural importante, que precisa estar acessível a todos, e a divulgação do acervo existente nas escolas. Ela ressalta que o hábito da leitura é fundamental para a formação dos alunos e deve ser incentivado sempre que possível. “Nunca é demais desenvolver ações nesse sentido. É claro que isso não se esgota aí, muito pelo contrário. Mas esta idéia de juntar diferentes esforços para um mesmo fim é uma forma de dar um tom de unidade dentro da diversidade da Rede. Isso é muito importante”, destaca a diretora, que aposta na longevidade da maratona. “Este foi um casamento perfeito: livros, alunos, leitores. Ainda mais em outubro, o mês da criança. A partir de agora, este também será o mês da leitura”, comemora. ■



Deborah dos Santos, aluna do ano inicial, conhece uma nova história durante a maratona

# Viagem pela literatura mundial



Um homem que lia muito e acabou misturando realidade e fantasia. Dois jovens apaixonados, filhos de famílias inimigas, que morreram por amor. Uma moça rebelde e desobediente, que se transforma depois de casar-se com um rapaz de nome engraçado, e inspirou a novela *O cravo e a rosa*, exibida pela TV Globo em 2000. É assim, com suas próprias palavras e referências, que um grupo de 39 alunos da 3ª série da Escola Municipal Professor Carneiro Ribeiro (foto) descreve alguns clássicos da literatura mundial, como *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, e *Romeu e Julieta* e *A megera domada*, de William Shakespeare. Os dois autores formam a base do projeto Obras da Literatura Mundial – Shakespeare e Miguel de Cervantes, desenvolvido pela professora Ângela Maria de Lima desde o começo de setembro.

Tudo começou nas rodas de leitura, quando os alunos demonstraram interesse por informações referentes aos dois autores. Uma matéria de revista falava do quarto centenário do célebre cavaleiro errante de Cervantes. Já Shakespeare é um velho companheiro nas aulas de Ângela. “Sempre trago alguma obra dele para os alunos, pelo conhecimento que demonstra da alma humana. É tudo muito real, presente e sempre desperta uma curiosidade muito grande”, justifica a professora.

De fato, curiosidade foi o que não faltou na turma de Ângela. Animada, a professora resolveu elaborar o projeto. Ao longo das aulas, os alunos leram seis obras na íntegra, em versões adaptadas para a idade escolar: as já citadas *Dom Quixote*, *Romeu e Julieta* e *A megera domada* e mais *Otelo*, *Hamlet* e *Sonho de uma noite de verão*, de Shakespeare. A leitura inspirou atividades como desenhos, pinturas, recorte e colagem, elaboração de acrósticos sobre as obras, produção de trabalhos escritos e pesquisas sobre a biografia dos dois autores. A ideia encontrou respaldo no projeto político-pedagógico da escola, que destaca neste ano a valorização da qualidade de vida. “Leitura é uma das coisas mais importantes para a qualidade de vida em nossa época. Com a leitura, os alunos ficam mais atentos a suas produções textuais, ressalta a diretora da escola, Deise Maria Fernandes de Castro e Silva.

**Leitura e escrita** – Cada obra foi dividida em três ou quatro partes, lidas uma a cada aula. Ao final, o grupo discutia o estilo da escrita, as características dos principais personagens e as tramas apresentadas. O próximo passo era a produção de material pelos próprios alunos. O mais importante, no entanto,

TEXTO

RENATA PETROCELLI

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

foi a ► possibilidade da apropriação dos significados, dando às crianças a chance de externar interpretações pessoais a respeito das obras. “Gostei de *Romeu e Julieta* porque ensina as pessoas a amar, a conviver e a ajudar o próximo, mas o final é triste. Se eu escrevesse esta história, eles viveriam juntos, com muitos filhos, e as famílias fariam as pazes”, imagina Vanessa Muniz Gusmão, de 11 anos.

Entre as obras, uma das que despertaram mais interesse foi *A megera domada*. Tudo porque as crianças reconheceram na peça os personagens de *O cravo e a rosa*, novela de Walcyr Carrasco inspirada na obra de Shakespeare e exibida pela Globo. “Eu sabia que já tinha ouvido aqueles nomes em algum lugar”, revela Leticia Paredes Ferreira, de nove anos, lembrando os personagens centrais, Catarina e Petruchio. “Na mesma hora eu descobri que a história era a mesma da novela”, orgulha-se Andreza Santos Silva Macedo, de 10.

Já entre os meninos, as peripécias de Dom Quixote e seu companheiro Sancho Pança e a trama de inveja, preconceito e ciúme de *Otelo* fizeram mais sucesso. “Gostei mais de Miguel de Cervantes, porque fala sobre aventura”, explica Johnny de Freitas, de nove anos. “Eu fiquei muito triste, mas quero dizer que a história foi muito legal”, escreveu Cleiton Moreira Bento, de 10 anos.

**Autoria compartilhada** – Os resultados foram bem além do que imaginava Ângela. Inicialmente, a idéia era desenvolver as atividades

ao longo de 20 dias. Mas os debates renderam, a leitura levou mais tempo do que o esperado e o projeto acabou se estendendo por quase três meses. “Era importante que a gente fosse lendo e discutindo. Não adiantava ficar aquele acúmulo de leitura sem uma conversa em grupo”, explica Ângela.

Entre os alunos, a receptividade também não poderia ser melhor. Empolgados, eles pesquisaram sobre a vida dos dois autores e ficaram encantados ao descobrir detalhes como o fato de eles terem sido contemporâneos – Shakespeare nasceu em 1564 e Cervantes, em 1547, e ambos morreram em 1616. Além disso, o trabalho despertou a curiosidade por outras obras da literatura. “Nunca tinha lido uma obra de Shakespeare, agora quero ler outras”, conta Elen Paiva de Lima, de 12 anos.

Quando propôs obras da Literatura Mundial – Shakespeare e Cervantes, Ângela pensava em fazer dois painéis com os trabalhos dos alunos. Mas a produção das crianças também superou as expectativas da professora. Para valorizar os desenhos e trabalhos escritos, ela resolveu reuni-los em um grande livro, produzido pelos próprios alunos, com cola, tesoura, papel e cartolina. A idéia não poderia ter sido mais bem recebida. Todos puseram mãos à obra e, agora, o livro serve de exemplo a outras turmas da escola. “Temos um centro de estudos onde os professores tomam conhecimento do que está acontecendo nas outras salas. E no final do bimestre sempre fazemos uma exposição com os trabalhos produzidos. Mas a produção do livro foi importante, porque aumentou o reconhecimento pelo trabalho que eles fizeram”, avalia Sônia da Silva Pinto, coordenadora pedagógica da escola.

No que depender de Ângela, a idéia vai render frutos. Até porque, em 31 anos de magistério, ela faz questão de valorizar a leitura, seja qual for a série com a qual esteja trabalhando. “Os resultados foram riquíssimos. Eles avaliaram a escrita e se fizeram perguntas: é atual? É muito diferente? Estas coisas acontecem hoje em dia? Eles viram que sim, que os autores continuam absolutamente atuais. Isso é importante para que desenvolvam o gosto pela leitura”, conclui a professora. ■



Alunas descobriram detalhes da vida de Shakespeare e Cervantes

# Fábrica que teceu um bairro

A Tecidos Bangu influenciou a rotina da cidade no século passado e gerou até um time de futebol

Quem passa pela Rua Fonseca, no bairro de Bangu, não consegue imaginar que no lugar em que hoje está sendo construído um shopping center funcionou há mais de um século a Fábrica de Tecidos Bangu. Uma referência econômica política e cultural na cidade durante décadas, que gerou um bairro, um time de futebol e roubou a cena cultural carioca nos anos de 1950 com o concurso Miss Elegante Bangu.

A companhia foi fundada em 1889. Suas instalações se situavam no terreno da antiga Fazenda Bangu, que deu origem ao nome da fábrica e, posteriormente, do bairro. Sua instalação levou a energia elétrica à região, abriu uma série de novas ruas e iniciou a construção de várias moradias para seus empregados. Outra consequência do empreendimento foi a inauguração da estação ferroviária, em 1890.

O êxito da fábrica pode ser medido por seu crescimento. Em 1893, ela empregava cerca de 750 trabalhadores. Em 1930, esse número havia chegado a 6.700. Crescia também o bairro. Bem antes de 1920, Bangu já tinha sistemas de água e esgoto, armazéns, escolas, estádio de futebol, cinemas, teatros e templos religiosos.

**Pioneirismo e cultura**— A fábrica também foi uma das responsáveis pela popularização do futebol na cidade. Trazido por técnicos ingleses contratados para montar o novo empreendimento têxtil, o esporte rapidamente se difundiu entre os operários, que o praticavam em seus horários de lazer. Assim, em 1904, surgiu o Bangu Athletic Club, com o objetivo de organizar jogos de futebol, críquete e tênis. Em 1905, o Bangu foi o primeiro time de futebol no Brasil a ter um negro em seu plantel, fato durante muito tempo creditado ao Vasco da Gama, que foi campeão carioca em 1923 com uma equipe em sua maioria formada por negros e mestiços.

A Fábrica Bangu também se tornou conhecida pelos desfiles que promoveu durante décadas



Vista da fábrica Bangu reproduzida do *Álbum da Exposição Nacional de 1908*, gentilmente cedido pela Biblioteca da Firjan

no Dia do Trabalho. O gramado da Rua Fonseca 240 era tomado por carros alegóricos e alas representando os departamentos da fábrica. Bandas das Forças Armadas e da própria fábrica se apresentavam e a Esquadriha da Fumaça animava o desfile com seus vôos acrobáticos. Vedetes e atores famosos também podiam ser vistos na celebração anual.

Mas talvez o mais marcante acontecimento promovido pela fábrica tenha sido o concurso Miss Elegante Bangu, criado no início dos anos 50. Participar do certame era o sonho de muitas moças da alta sociedade. Elas desfilavam com os tecidos produzidos pela fábrica e o concurso repercutia em jornais e revistas, que estampavam as vencedoras nas suas capas. No seu apogeu a fábrica chegou a produzir tecidos para os principais centros de moda da Europa, até mesmo para coleções de exigentes estilistas franceses.

A partir dos anos 1970, a fábrica perdeu competitividade até ser desativada por completo. Hoje está sendo transformada em shopping center, com previsão de inauguração para 2006. O empreendimento preservará a arquitetura neoclássica da construção, tombada pelo Patrimônio Histórico em 1995. ■

TEXTO

FÁBIO ARANHA

# Pioneirismo que ainda inspira

A russa Helena Antipoff dedicou a vida ao trabalho com educação especial no Brasil

Psicóloga e educadora, Helena Antipoff desenvolveu um trabalho pioneiro com educação especial no Brasil. Nascida na Rússia, ela estudou na França e na Suíça, onde conviveu com profissionais como o educador Jean Piaget, mas foi aqui que, a exemplo do que aprendera nas universidades européias, reuniu teoria e prática na construção de uma ambiência propícia à educação e à assistência a crianças portadoras de necessidades especiais. Fundadora da Sociedade Pestalozzi do Brasil, Helena deixou seguidores e desde sua morte, em 1974, empresta seu nome ao órgão atualmente responsável pelo acompanhamento da educação especial na Secretaria Municipal de Educação (SME).

Helena Antipoff chegou ao Brasil em 1929, a convite do então secretário do Interior de Minas Gerais, Francisco Campos. Na época, ela trabalhava no Laboratório de Psicologia da Universidade de Genebra como assistente do psicólogo Edouard Claparède, pioneiro no estudo

do mecanismo de aprendizagem das crianças. Campos, empenhado na implantação de uma reforma no ensino do estado, convidou-a a lecionar na recém-criada Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Minas Gerais, em Belo Horizonte, voltada à formação de educadores comprometidos com os novos métodos de ensino, fortemente inspirados na psicologia.

Na Escola, onde também coordenava o Laboratório de Psicologia e acompanhava a aplicação de testes de inteligência, Helena encontrou espaço para desenvolver uma série de pesquisas sobre o desenvolvimento mental, ideais e interesses das crianças mineiras, unindo a teoria às demonstrações no laboratório, equipado com aparelhos clássicos da psicologia experimental. Foi neste período que ela introduziu o termo excepcional, em lugar de retardado, para definir as crianças cujos resultados nos testes afastavam-se da faixa de normalidade.

**Ideais em construção** – Em novembro de 1932, apenas três anos após chegar ao país, Helena fundou em Belo Horizonte a Sociedade Pestalozzi do Brasil. Com o objetivo de assegurar o cuidado às crianças excepcionais e assessorar professores de classes especiais dos grupos escolares, a entidade contava com o apoio de alguns dos alunos de Helena e de um grupo de médicos, educadores e religiosos. Em alguns anos, expandiu-se para outros estados, formando o movimento pestalozziano brasileiro.

A partir de 1938, a Sociedade Pestalozzi começou a planejar a criação de uma granja-escola, com o objetivo de ministrar ensinamentos e habilitar os adolescentes em profissões ligadas à produção agroindustrial. Foi esta a origem do Complexo Educacional Fazenda do Rosário, que iniciou suas atividades em 1940, em Ibirité, a 26 quilômetros de Belo Horizonte.

A fazenda, dirigida por Helena, funcionava como um grande centro rural de pesquisa, preparo,

TEXTO

JOANNA MIRANDA

(Pedagoga do Núcleo de Publicações e Impressos)

## Centro de referência no país



O Instituto Helena Antipoff é o órgão da SME responsável pelo acompanhamento das ações educacionais voltadas a portadores de necessidades educacionais especiais, bem como à atualização profissional dos professores de ensino especial.

Criado na década de 60, com o nome de Instituto do Excepcional, era administrado pelo estado. Em outubro de 1974, dois meses depois do falecimento de Helena Antipoff, ganhou o nome da psicóloga e educadora e, em 1975, passou a ser gerido pelo município. O Instituto atua na educação infantil, no ensino fundamental e no Programa de Jovens e Adultos, com 67 profissionais, mantendo nove oficinas permanentes: teatro, dança, música, informática, oficina vivencial de ajudas técnicas e pedagógicas, ginástica, artes plásticas e brinquedoteca.

O Instituto fica na Rua Mata Machado, 15 – Maracanã.

orientação e divulgação de assuntos educacionais, atendendo a indivíduos de qualquer nível mental e condição social, em escolas comuns ou especiais. Assim, ao mesmo tempo em que levava a educação ao meio rural, criava um ambiente adequado ao desenvolvimento das crianças e adolescentes excepcionais, gerando alta integração social. Os excepcionais ganhavam maior grau de autonomia e a população rural, a possibilidade de permanecer no campo, sem necessidade de migrar para as grandes cidades em busca de novos conhecimentos e de melhoria da qualidade de vida. O exemplo da fazenda frutificou, dando origem a diversas instituições educativas, que viriam a compor o Complexo Educacional do Rosário.

**Trajetória** – Helena Wladimirna Antipoff nasceu em 25 de março de 1892 em Grodno, na Rússia. De família aristocrata, vivia em São Petersburgo, na época importante centro político e cultural do império czarista. Aos 17 anos, mudou-se com a mãe e a irmã mais nova para Paris. Envolvida pelo clima intelectual da cidade, logo passou a freqüentar seminários na Sorbonne.

Foi assistindo a palestras de Pierre Janet e Henri Bergson que Helena começou a se interessar pela psicologia. Entre 1909 e 1912, iniciou sua formação científica e estagiou no Laboratório de Psicologia da Universidade de Paris, participando dos ensaios de padronização dos testes de nível mental das crianças, elaborados por Alfred Binet e Théodule Simon. Entre 1912 e 1916, cursou o Institut des Sciences de L'Éducation da Universidade de Genebra, onde obteve o diploma de psicóloga, com especialização em psicologia da educação. Nessa época, trabalhou pela primeira vez com o psicólogo Edouard Claparède, no Instituto de Ciências da Educação Jean-Jacques Rousseau.

De Genebra, Helena voltou à Rússia em busca do pai, ferido em combate na Primeira Guerra Mundial. Lá, casou-se com o jornalista e escritor Victor Iretzky, com quem teve um filho. As idéias divulgadas em obras literárias de Victor, consideradas nocivas à Revolução Russa, levaram o casal a se exilar em Berlim. Em 1925,



no entanto, Helena se separou do marido e retornou a Genebra, onde voltou a trabalhar com Edouard Claparède, desta vez no laboratório de Psicologia da Universidade de Genebra, além de atuar como professora de Psicologia da Criança na Escola de Ciências da Educação, do Instituto Jean-Jacques Rousseau.

Depois de vir para o Brasil, Helena não deixou mais o país. Ela faleceu em Ibirité, no dia 9 de agosto de 1974, aos 82 anos. Essa cidadã brasileira – título concedido em 1951 pelo presidente Getúlio Vargas –, que acreditava na escola como chave da salvação de todos os males, morreu na fazenda que idealizou, no país e na cidade que escolheu para viver e dedicar-se ao que mais sabia fazer: lutar por práticas democráticas de ensino e por uma escola pública gratuita e de qualidade, na qual todos tivessem iguais direitos à educação. ■

#### SAIBA MAIS

Encontros com a mídia  
Programa n° 17 – “Crianças especiais e a mídia: Regina de Assis entrevista Leila Blanco, diretora do Centro de Referência Helena Antipoff.”

A entrevista concedida pelo diretor do Departamento de Justiça, Classificação, Títulos e Qualificação da Secretaria Nacional de Justiça, José Eduardo Romão, ao programa *Encontros com a mídia* é o principal destaque deste mês. No programa, Romão fala sobre classificação indicativa, que é o tema central desta edição. Outro tema recorrente e relacionado a este – os direitos de crianças e adolescentes – é objeto de estudos de especialistas das principais organizações internacionais no livro *A criança e a violência na mídia*. Destaque também para a coletânea com textos produzidos pela psicóloga Helena Antipoff, cujo perfil está na página 46.



## Vídeos

### Série Encontros com a mídia

Produção da MULTIRIO

Programa nº 12 – “O controle da TV em suas mãos”

O programa entrevista José Eduardo Elias Romão, diretor do Departamento de Justiça, Classificação, Títulos e Qualificação da Secretaria Nacional de Justiça. Durante a entrevista Romão revela como é realizada a classificação indicativa dos programas de TV, destaca que este trabalho não é censura e explica a importância da consulta pública que o Ministério da Justiça está promovendo neste momento em todo o país. Vale a pena conferir.

## Livros



• **O livro do palhaço**  
Cláudio Thebas  
Companhia das Letras, 2005  
Neste lançamento da Coleção Profissões, o escritor Cláudio Thebas intercala sua

trajetória como palhaço – vocação que descobriu pouco antes dos 30 anos – com a história da profissão. Desde as origens na China e no Egito até as aparições no cinema, Thebas apresenta as anedotas, os personagens mais famosos e as curiosidades do mundo dos palhaços. Através de entrevistas – com o Picolino, o Carequinha e o filho do Arrelia – e depoimentos de colegas de profissão, o autor narra a trajetória dos palhaços no Brasil e ainda descreve o treinamento necessário para quem deseja um dia calçar sapatos enormes e fazer o público morrer de rir.

• **O caçador de pipas**  
Khaled Hosseini  
Editora Nova Fronteira, 2005  
O caçador de pipas é uma narrativa insólita e eloquente sobre a frágil

relação entre pais e filhos, entre os seres humanos e seus deuses, entre os homens e sua pátria. Uma história de amizade e traição que nos leva dos últimos dias da monarquia do Afeganistão às atrocidades de hoje.

• **A criança e a violência na mídia**  
Organizador: Ulla Carlsson  
Editora Cortez  
A obra reúne em seu conteúdo os mais avançados estudos das principais organizações internacionais que defendem os direitos das crianças e adolescentes. Muito mais que um simples apanhado de dados, o livro revela com precisão como o tema violência na mídia deve ser tratado quando se dirige ao público mais especial: o infantil.

• **Helena Antipoff – textos escolhidos**  
Regina Helena de Freitas Campos  
Editora Casa do Psicólogo, 2003  
Os textos selecionados para este livro exemplificam a contribuição de Helena Antipoff nas áreas em que ela atuou como psicóloga,

educadora e pesquisadora – a pesquisa sobre as relações entre cultura e desenvolvimento humano; sobre o desenvolvimento afetivo e social de crianças e adolescentes; a psicologia do excepcional e a educação especial; psicologia e comunidade; e métodos de pesquisa e de exame psicológico.

• **João e Maria-de-Barro**  
Luiz Antonio Aguiar  
Editora Record, 2005



Um caipira muito malandro decide usar sua mágica e transforma uma vila numa tremenda confusão. Poderia ser

apenas mais uma história de encantamento, amor e aventura, mas Luiz Antonio Aguiar faz de *João e Maria-de-Barro* um conto de tradição popular. Poético, surpreendente, engraçado e emocionante, o texto de Aguiar ganha força e leveza com as ilustrações de Márcia Széliga.



### Escritor de Cantagalo

A Casa Euclides da Cunha, em Cantagalo, oferece aos visitantes uma exposição permanente sobre o grande escritor. São objetos pessoais, recortes de jornal de época, entre outros documentos. Vale conferir. O local está aberto de segunda a domingo, das 8h às 17h.

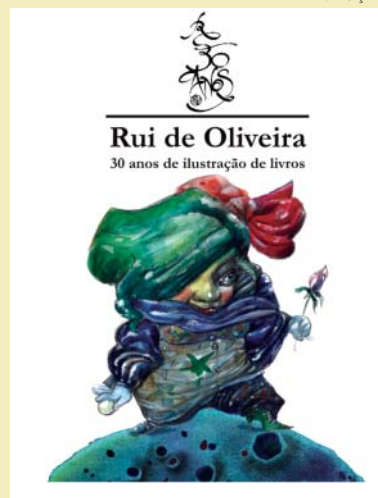
Casa de Euclides da Cunha/  
Funarj

Rua Maria Zulmira Torres, s/n,  
Cantagalo

### Ilustração

As obras que melhor definem a trajetória de Rui de Oliveira estão na exposição *Rui de Oliveira: 30 anos de ilustração de livros*. A mostra foi inaugurada mês passado na Academia Brasileira de Letras (ABL) e segue até o dia 15 de dezembro, de segunda a sexta-feira, das 10h às 18h.

Academia Brasileira de Letras  
Avenida Presidente Wilson 203,  
Centro  
Informações: 3974-2548



### Arte reciclada

Mamulengos, pinturas e construções variadas produzidas com material reciclado fazem parte de uma exposição permanente do Cemasi do Vidigal. A visita é aberta ao público e a entrada é gratuita.

Cemasi

Avenida Presidente João Goulart s/n,  
Vidigal

Informações: 3322-6083 (Andréia  
Junqueira)

### História da educação

A Universidade Federal de Uberlândia, em Minas Gerais, vai sediar entre os dias 17 e 20 de abril de 2006 o IV Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. O pagamento da taxa de inscrição e envio do formulário podem ser feitos até o dia 15 de fevereiro. Este ano o evento terá como proposta temática a discussão sobre os desafios da pesquisa e do ensino de história da educação.

Universidade Federal de  
Uberlândia

Núcleo de Estudos e Pesquisas em  
História e Historiografia da Educação  
Secretaria do VI Congresso Luso-  
Brasileiro de História da Educação  
Avenida João Naves D'Ávila 2160  
Campus Santa Mônica, Bloco U, sala  
1U116-8

www.faced.ufu.br/colubhe06

### Lembranças dos tempos de criança

Infância é o tema da peça de mesmo nome em cartaz no Teatro do Jockey. A direção é de Karen Acioly e a história gira em torno das lembranças que temos dos tempos de criança. A montagem é voltada ao público infantil, mas a diretora garante que os pais também vão gostar. O espetáculo acontece sábados e domingos, às 16h30.

Teatro do Jockey

Rua Bartolomeu Mitre 110, Gávea  
Informações: 2540-9853

### Arte em geral

Em 2000 o Museu do Telefone, situado numa construção de 1918 no Flamengo, foi revitalizado e se transformou no Instituto Cultural Telemar. O espaço, marcado por uma arquitetura que reúne em harmonia o velho e o novo, oferece aos visitantes uma ampla programação cultural que passa por exposições de arte contemporânea, *shows*, teatro infantil, seminários etc.

Instituto Cultural Telemar

Rua Dois de Dezembro 63, Flamengo  
www.institutotelemar.org.br/  
centrocultural

Informações: 3131-3060

### Variedade no acervo

Localizado no Parque da Cidade em um belo solar do século XIX, o Museu da Cidade é um passeio imperdível para quem gosta de arte. Quem visitar o local vai se maravilhar com as pinturas decorativas nas paredes, o mobiliário totalmente conservado, as esculturas, gravuras, além de fotografias e o rico acervo bibliográfico.

Museu da Cidade

Estrada de Santa Marinha s/n,  
Gávea


Informações: 2512-2353

### A política de Vargas

A Secretaria Municipal das Culturas convida professores e alunos a visitarem a *Exposição permanente sobre a vida de Getúlio Vargas*. O passeio é uma boa oportunidade para conhecer mais sobre a história do país. O Memorial Getúlio Vargas fica aberto de terça a domingo e as visitas escolares podem ser feitas entre 10h e 14h30.

Memorial Getúlio Vargas

Praça Luís de Camões, Glória  
Informações: 2557-9444 ou  
2557-9444 (visitas de grupo)  
E-mail: mgvargas@rio.rj.gov.br

canal	horário	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO	
BandRio	7h-7h30	<b>Videoteca</b> Séries e documentários para gravar	<b>Abrindo o Verbo</b> Temas: Animação, Beleza, Jornalismo e Jongo.	<b>Interprogramas MULTIRIO* Aventuras Cariocas</b>	<b>Nós da Escola</b> Temas: Esporte e mídia, A família na escola, entre outros.	<b>Encontros com a Mídia</b> Convidados: Jailson de Souza e Pier Rivoltella, entre outros.	9h-9h30	<b>Nós da Escola</b> Temas: Esporte e mídia, A família na escola, entre outros.	<b>Interprogramas MULTIRIO* Aventuras Cariocas</b>
	7h30-8h	<b>Videoteca</b> Séries e documentários para gravar	<b>Reflets - Curso de Francês Cara de Criança</b>	<b>Br@nché</b> Língua francesa Cara de Criança	<b>Reflets - Curso de Francês Cara de Criança</b>	<b>Reflets - Curso de Francês Cara de Criança</b>		9h30-10h	<b>Abrindo o Verbo</b> Temas: Animação, Beleza, Jornalismo e Jongo.
	14h-14h30	<b>Abrindo o verbo</b> Temas: Animação, Beleza, Jornalismo e Jongo.	<b>Interprogramas MULTIRIO* Aventuras Cariocas</b>	<b>Nós da Escola</b> Temas: Esporte e mídia, A família na escola, entre outros.	<b>Encontros com a Mídia</b> Convidados: Jailson de Souza e Pier Rivoltella, entre outros.	<b>Séries e Documentários</b>			
	14h30-15h	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas, ao vivo	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas, ao vivo	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas, ao vivo	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas, ao vivo	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas, ao vivo			
Net - canal 14	7h30-8h	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas	<b>Rio, a Cidade!</b> Tema: Arte e Cultura
	8h-8h30	<b>Séries e Documentários</b> Mesa Brasileira,	<b>Cara de Criança</b> Programas infantis, O mundo encantado de	<b>Séries e Documentários</b> Mesa Brasileira,	<b>Séries e Documentários</b> Mesa Brasileira,	<b>Cantos do Rio</b> MPB	<b>Cara de Criança</b> Programas infantis, O mundo encantado	<b>Encontros com a Mídia</b> Convidados: Jailson de Souza e Pier Rivoltella, entre outros.	
	8h30-9h	Formas do Invisível, Apartheid,	Richard Scarry, Matilda,	Formas do Invisível, Apartheid,	Formas do Invisível, Apartheid,	<b>Encontros com a Mídia</b> Convidados: Jailson de Souza e Pier Rivoltella, entre outros.	de Richard Scarry, Matilda,	<b>Interprogramas MULTIRIO* Aventuras Cariocas</b>	
	9h-9h30	Contos de Oscar Wilde, É Tempo de Diversão, Minha Família e outros	O divertido mundo dos bichos, entre outros.	Contos de Oscar Wilde, É Tempo de Diversão, Minha Família e outros	Contos de Oscar Wilde, É Tempo de Diversão, Minha Família e outros		<b>Séries e Documentários</b> Mesa Brasileira,	O divertido mundo dos bichos, entre outros.	<b>Abrindo o Verbo</b> Temas: Animação, Beleza, Jornalismo e Jongo.
	9h30-10h			<b>Abrindo o Verbo</b> Temas: Animação, Beleza, Jornalismo e Jongo.		Formas do Invisível, Apartheid,			<b>Nós da Escola</b> Temas: Esporte e mídia, A família na escola, entre outros.
	10h-10h30	<b>Cantos do Rio</b> MPB	<b>Noah e Saskia</b> Série canadense	<b>Interprogramas MULTIRIO* Aventuras Cariocas</b>	<b>Cantos do Rio</b> MPB	Contos de Oscar Wilde, É Tempo de Diversão, Minha Família e outros	<b>Noah e Saskia</b> Série canadense	<b>Cantos do Rio</b> MPB	
	10h30-11h	<b>Acervo MULTIRIO</b> O melhor da programação	<b>Acervo MULTIRIO</b> O melhor da programação	<b>Acervo MULTIRIO</b> O melhor da programação	<b>Acervo MULTIRIO</b> O melhor da programação	<b>Acervo MULTIRIO</b> O melhor da programação	<b>Acervo MULTIRIO</b> O melhor da programação	<b>Encontros com a Mídia</b> Convidados: Jailson de Souza e Pier Rivoltella, entre outros.	
11h-11h30	<b>Videoteca</b> Séries e documentários para gravar	<b>Videoteca</b> Séries e documentários para gravar	<b>Videoteca</b> Séries e documentários para gravar	<b>Videoteca</b> Séries e documentários para gravar	<b>Videoteca</b> Séries e documentários para gravar	<b>Videoteca</b> Séries e documentários para gravar	<b>Séries e Documentários</b>		
Net Educação	12h-12h30	<b>Reflets - Curso de Francês</b>	<b>Reflets - Curso de Francês</b>	<b>Reflets - Curso de Francês</b>	<b>Reflets - Curso de Francês</b>	<b>Br@nché</b> Língua francesa	<b>A MULTIRIO também está na TV Alerj (canal 12)</b>  De segunda a sexta, das 8h às 10h e das 21h às 22h.  Aos sábados e domingos, a partir das 20h.		
	12h30-13h	<b>Gerúndio e Cacófato</b> Séries e Documentários	<b>Gerúndio e Cacófato</b> Séries e Documentários	<b>Gerúndio e Cacófato</b> Séries e Documentários	<b>Interprogramas MULTIRIO* Aventuras Cariocas</b>	<b>Gerúndio e Cacófato</b> Séries e Documentários			
	13h-13h30	<b>Encontros com a Mídia</b> Convidados: Jailson de Souza e Pier Rivoltella, entre outros.	<b>Cantos do Rio</b> MPB	<b>Séries e Documentários</b>	<b>Abrindo o Verbo</b> Temas: Animação, Beleza, Jornalismo e Jongo.	<b>Nós da Escola</b> Temas: Esporte e mídia, A família na escola, entre outros.			
	13h30-14h	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas	<b>Rio, a Cidade!</b> Programa de entrevistas			

\*Interprogramas MULTIRIO - Atletas do Rio (Jovens e esportes), Gerúndio e Cacófato (Dicas de Português), Memórias Cariocas (Histórias do Rio). Programação sujeita a alterações. Para mais informações consulte <[www.multirio.rj.gov.br](http://www.multirio.rj.gov.br)>.



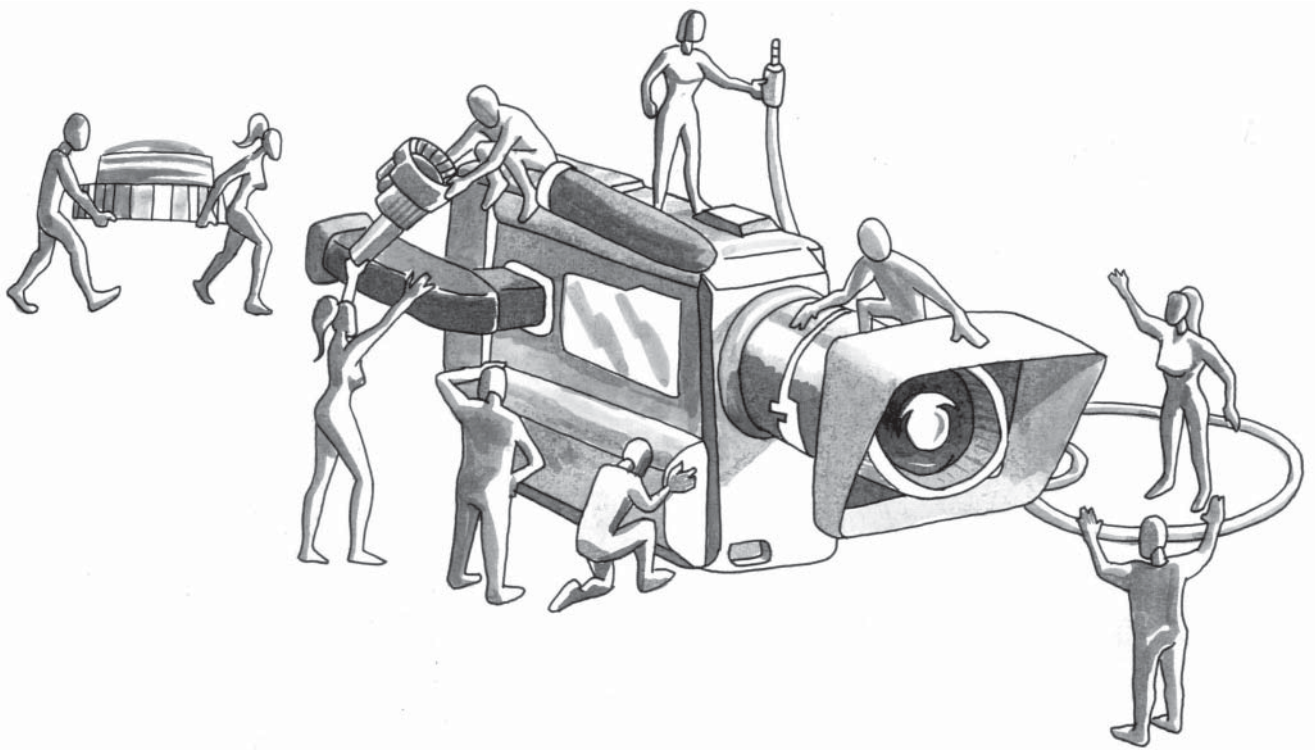
## Mais de 1 milhão de leitores por ano. E ainda dizem que brasileiro não gosta de ler.

Com 29 bibliotecas em vários bairros e mais de 400 mil volumes, a Prefeitura vem apresentando um mundo fantástico de conhecimentos a cidadãos que às vezes não podem comprar um livro. Até aos sábados e domingos. Um incentivo cada vez maior ao hábito da leitura na vida das comunidades.

As Bibliotecas Populares representam a segunda maior rede de bibliotecas públicas do País. E ainda emprestam livros para hospitais, asilos e orfanatos e, por meio de voluntários de leitura e livros em "Braille", ajudam deficientes visuais. Hoje, a Prefeitura também possui 9 bibliotecas volantes circulando em 50 pontos da Cidade. Onde tem gente querendo aprender, tem biblioteca popular da Prefeitura.

**Bibliotecas Populares.** A segunda maior rede de bibliotecas públicas do País.





## NÓS DA ESCOLA

No próximo número: TV pública

RIO



**PREFEITURA**

**EDUCAÇÃO**

MULTIRIO

central de atendimento: (XX21)2528 8282 • [ouidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br](mailto:ouidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br)